



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CAMPUS III – GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

JOSÉ FRANCISCO DA SILVA JÚNIOR

**ANÁLISE DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NA ESCOLA ESTADUAL AGENOR
CLEMENTE DOS SANTOS/ALAGOINHA/PB: ESTUDO DE CASO SOBRE AS
TURMAS CONCLUINTE DE 2018**

**GUARABIRA/PB
2018**

JOSÉ FRANCISCO DA SILVA JÚNIOR

**ANÁLISE DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NA ESCOLA ESTADUAL AGENOR
CLEMENTE DOS SANTOS/ALAGOINHA/PB: ESTUDO DE CASO SOBRE AS
TURMAS CONCLUINTE DE 2018**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Área de concentração: Metodologia do ensino de Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva.

**GUARABIRA/PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva Júnior, José Francisco da.
Análise da educação geográfica na Escola Estadual Agenor Clemente dos Santos/Alagoinha/PB: [manuscrito] : estudo de caso sobre as turmas concluintes de 2018. / Jose Francisco da Silva Junior. - 2018.
56 p. : il. colorido. Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva ,
Coordenação do Curso de Geografia - CH."
1. Educação geográfica. 2. Ensino de Geografia. 3.
Práticas metodológicas. I. Título
21. ed. CDD 371.33

JOSÉ FRANCISCO DA SILVA JÚNIOR

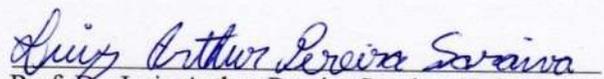
**ANÁLISE DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NA ESCOLA ESTADUAL AGENOR
CLEMENTE DOS SANTOS/ALAGOINHA/PB: ESTUDO DE CASO SOBRE AS
TURMAS CONCLUINTE DE 2018**

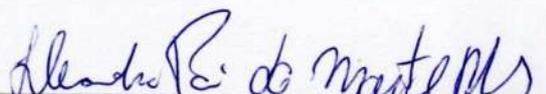
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de
Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em Geografia.

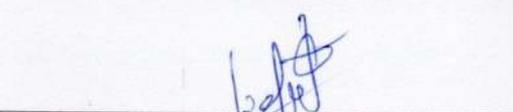
Área de concentração: Metodologia do ensino de Geografia

Aprovada em: 22/11/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe, Ivone, que sempre está comigo nos momentos mais difíceis aos felizes em vida. Uma mulher excepcional, única, que me dar forças a continuar e me ajuda com seus conselhos e sacrifícios para minha formação. Devo toda minha formação de caráter e cidadã a você, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por mais essa etapa conquistada em minha vida, sou grato por tudo que tem feito por mim e minha fé a ti só aumenta.

A minha mãe, Ivone, a pessoa mais importante da minha vida, que está comigo em todos os momentos, aquela que me protege e cuida de mim, a amo. Aos meus irmãos, que apesar das brigas, amo cada um deles. Em especial, a minha irmã caçula, Sofia, que me faz querer ser um exemplo para ela e buscar lhe dá todo conforto necessário para alcançar um futuro brilhante. A minha família, obrigado por estarem sempre comigo.

Agradeço a minha família EJC, que me proporcionou momentos inesquecíveis em minha vida, além de conhecer pessoas que considero muito e me deram apoio para realização deste trabalho, dentre elas: mãe Mika, pai Léo, Camila, Alexia, Milena, Marta, Berg, Ruth e meus 17 filhos do EJC.

Agradeço ao Centro Acadêmico de Geografia Milton Santos, ao qual fui secretário. Foi de suma importância na minha formação acadêmica, onde me possibilitou conhecer amigos que levarei pra vida inteira, como, Roberto, Débora, Ruan e Paula Dayana.

Agradeço aos meus colegas de turma, que apesar das divergências estiveram comigo nessa etapa das nossas vidas. Em especial, a Joanderson, Jailma, Inocencio, Luciana, Katiana e Isabela, amigos que viveram comigo momentos marcantes, nos divertimos, estudamos e vencemos barreiras.

Ao meu orientador, Luiz Arthur, que com sua paciência me conduziu à conclusão deste trabalho. Admiro-o como profissional e pessoa, ainda terei um acervo de conhecimento igual ao dele.

Ao professor, Leandro Paiva, que contribuiu positivamente em minha formação acadêmica. Aprendi muito sendo seu monitor de Geografia da População e Geografia Agrária, além de fazer parte do PIBIC e ser monitor do seu projeto de extensão. Enfim, obrigado por essa vasta experiência.

E, por fim, gostaria de agradecer a todos que fazem parte do curso de Licenciatura Plena em Geografia e os servidores que trabalham na Universidade. E também, a minha cidade Alagoinha, campo da minha pesquisa e lugar onde resido.

043 - GEOGRAFIA

Linha de Pesquisa: Metodologia do ensino em Geografia

Título: ANÁLISE DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NA ESCOLA ESTADUAL AGENOR CLEMENTE DOS SANTOS/ALAGOINHA/PB: ESTUDO DE CASO SOBRE AS TURMAS CONCLUINTE DE 2018

(AUTOR): José Francisco da Silva Júnior UEPB/CH/DG

(ORIENTADOR): Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva UEPB/CH/DG

(EXAMINADOR): Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues UEPB/CH/DG

(EXAMINADOR): Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto UEPB/CH/DG

RESUMO

Este trabalho aborda uma análise do papel da educação geográfica evidenciando seus desdobramentos nas aulas das séries finais do ensino médio da Escola Estadual Agenor Clemente dos Santos/Alagoinha - PB. Com o intuito de entender o papel e os desafios do ensino de Geografia no cenário atual, identificando como a universidade, o professor e a escola estão se adaptando às novas metodologias para formação do alunado. Para isso, foi necessário uma pesquisa bibliográfica para fundamentação teórica deste trabalho, as observações das aulas de Geografia e da estrutura física da escola, e aplicação de questionário para os alunos e professor. Após análise dos dados e informações obtidas com o questionário e observações das aulas constatamos que, as aulas de Geografia continua seguindo metodologias tradicionais desestimulando o alunado a entender o novo espaço que estar ao seu redor e como as problemáticas que o envolve pode afetar sua vida cotidiana. A escola possui uma boa estrutura física e recursos tecnológicos que facilitam a aplicação de novas práticas em sala de aula, porém existem espaços, como o laboratório de informática, que os docentes e discentes não têm acessibilidade. Por fim foi evidenciado que os professores necessitam de um maior aparato em sua formação continuada, pois ficou nítido que a educação geográfica das séries finais do ensino médio é deficitária, impossibilitando o alunado em compreender que a Geografia se faz presente no nosso dia a dia e entendê-la é necessária para sua formação cidadã.

Palavras chaves: educação geográfica; ensino de Geografia; práticas metodológicas.

043 - GEOGRAPHY

Research line: Geography Teaching Methodology

Title: ANALYSE OF THE GEOGRAPHIC EDUCATION AT THE ESCOLA ESTADUAL AGENOR CLEMENTE DOS SANTOS/ALAGOINHA/PB: CASE OF STUDY ABOUT THE GRADUATING CLASSES OF 2018

(AUTHOR): José Francisco da Silva Júnior UEPB/CH/DG

(ADVISOR): Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva UEPB/CH/DG

(EXAMINER): Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues UEPB/CH/DG

(EXAMINER): Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto UEPB/CH/DG

ABSTRACT

This work approaches an analysis of the geographical education role pointing its deployments on the final series classes of high school from the Escola Estadual Agenor Clemente dos Santos/Alagoinha - PB. In order to understand the role and the teaching challenges of Geography in the current scenario, identifying how the university, the teachers and the school are getting adapted to the new methodologies to the students training. For this reason, it was necessary a bibliographical research to the theoretical foundation of this work, the geography classes observations and the school physical structure, and the application of questionnaire for the students and the teachers. After the data analyses and the gathered information with the questionnaire and the classes observations we found that, the geography classes continue following traditional methodologies discouraging the students to understand the new space which is around them and how the issues that involves them may affect their daily life. The school has a good physical structure and technological devices that facilitates the application of new practices in the classroom, however, there are spaces, like the computer lab, that teachers and students don't have accessibility. Lastly it was verified that the teachers need a bigger apparatus on their ongoing teacher training, because it was clear that the geography education of the final series from high school is deficit, making it impossible for the students to understand that Geography is present in our daily life and understand that it is necessary for their citizenship training.

Keywords: Geographic Education. Geography Teaching. Methodological Practices.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Fachada da escola Agenor Clemente dos Santos	39
Figura 2 - Bebedouro.....	40
Figura 3 - Refeitório.....	40
Figura 4 - Biblioteca.....	40
Figura 5 - Ginásio.....	40

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	CAPÍTULO 1 - A PRODUÇÃO CIENTÍFICA E OS DESAFIOS DA GEOGRAFIA NO BRASIL	14
1.1	Retrospectiva do ensino de Geografia	14
1.2	Desafios da educação geográfica no cenário atual	19
2	CAPÍTULO 2 - POR UMA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA	34
3	CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DAS AULAS DE GEOGRAFIA DA ESCOLA ESTADUAL AGENOR CLEMENTE DOS SANTOS	39
3.1	Caracterização da Escola Estadual Agenor Clemente dos Santos/ Alagoinha - PB	39
3.2	Análise dos dados.....	41
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
	REFERÊNCIAS.....	49
	APÊNDICE	53

INTRODUÇÃO

O século XXI trouxe consigo os impactos da globalização, atualmente, esse fenômeno já se propagou por todo o mundo. Diante disso, Cavalcanti (2008, p. 15) diz que a globalização é “um fenômeno de eliminação de fronteiras entre os países de todo o mundo, que afeta múltiplos campos: cultural, tecnológico, social, econômico, etc.” Ou seja, o lugar em que vivemos passou-se a ter novos significados e a população precisa compreender esses novos espaços geográficos e suas relações com sua vida cotidiana.

Compreender a Geografia atual é preciso analisar toda sua trajetória, tanto do âmbito escolar quanto científico. Esse contexto histórico norteia a evolução do pensar geográfico que, a partir da sua demanda, se reformula e requer um novo olhar do professor pesquisador e seus discentes. Sobre a trajetória da geografia brasileira, Corrêa (2010, p. 65) relata que caracterizou-se “por crescente complexidade de paradigmas, na qual matrizes distintas, antagônicas ou complementares, foram sendo incorporadas, gerando no começo do século XXI, um nítido e enriquecedor pluralismo.”

A Geografia escolar possui diferentes teorias, cada uma com sua especificidade, porém no cenário atual não é executável teorias que objetiva a descrição e a abstração de conteúdos. Segundo Cavalcanti, vivemos em uma nova concepção de espaço, um espaço que abarca um novo olhar para o mundo, que possui grandes avanços tecnológicos nas áreas de comunicação e informação. Porém, temos que entender o lado positivo e negativo dessa modernização, além do mais,

esses avanços permitem a simultaneidade, ou seja, tornam possível “presenciar” todos os fenômenos e acontecimentos, já que a comunicação ocorre em tempo real; permite colocar “disposição”, para todo o mundo, todo o conhecimento acumulado. Mas, por outro lado, a comunicação de massa tem levado a um processo de homogeneização cultural - como a universalização dos gostos, da alimentação, dos hábitos de consumo, do lazer, dos modelos de vida social - e de democratização da ideia de consumo, do ideal de consumo (CAVALCANTI, 2008, p. 16).

No Brasil, o ensino de Geografia ainda possui o tradicionalismo como prática na sala de aula. A Geografia tradicional não é capaz de formar cidadãos pensantes, já que a realidade dos alunos e conteúdos repassados possui um distanciamento. De acordo, com Callai (2010, p. 19) é visível “que a escola, no seu formato tradicional, tem se revelado incapaz de atender os alunos de modo eficaz para que eles tenham acesso ao conhecimento e ao entendimento do mundo.” Ou seja, não estamos preparando os alunos para se inserirem e terem opinião própria em sociedade.

A educação geográfica que necessitamos é a mesma que tenha como finalidade “contribuir na construção de um pensamento geográfico, quer dizer, desenvolver modos de

pensar que envolvam a dimensão espacial.” (CALLAI, 2010, p. 16). Para isso, devemos romper com a lógica de repassar os conteúdos direcionados pelo livro didático como a única maneira de ensinar e entender Geografia. Essa tendência nos distancia do real, do presente, do lugar que os alunos encontram-se inseridos.

No cenário atual, a sociedade é berço de um acelerado avanço científico e tecnológico, pois os veículos de comunicação reproduzem informações constantemente e desconsiderar esse fator nas aulas prejudica o desenvolver do pensar geográfico. Neste novo modo que o ensino se encontra, é preciso contextualizar os conteúdos em sala de aula em explicar essas novas problemáticas, assim, podemos dizer que é possível e preciso, pois “os jovens, que hoje são nossos estudantes, abraçam as novidades e se envolvem de maneira mais visceral e natural. São adaptáveis a novos ritmos, experiências e mudanças de vida” (TONINI; CARDOSO, 2014, p. 191).

Contudo, o docente requer está em uma formação constante para usar metodologias que visem as problemáticas atuais partindo do lugar onde os docentes residem. A formação do professor será de suma importância para buscar aplicar em sala de aula a educação geográfica voltada para o quadro presente. Pois é preciso que o futuro docente possua um conhecer sobre as práticas de ensino e estudos científicos sobre as problemáticas atuais. Para tanto, o mesmo deve buscar aprimorar seu saber através de uma formação continuada.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar o papel da educação geográfica evidenciando seus desdobramentos nas aulas das séries finais do ensino médio da escola estadual Agenor Clemente dos Santos, localizada em Alagoinha/PB. Com intuito de compreender como as problemáticas atuais estão sendo postas em sala de aula, além do que uma educação geográfica é necessária para uma formação emancipadora e crítica dos discentes perante a sociedade.

Para a realização da pesquisa foi realizado um levantamento bibliográfico, por meio de artigos científicos, periódicos e livros relacionados a temática de estudo. Assim, fundamentou a discussão teórica do trabalho, relacionando os desafios enfrentados do ensino de Geografia até os dias atuais. Para coleta de dados à campo foi elaborado um questionário para os alunos e outro para os professores, ambos destinados ao ensino médio. O questionário foi aplicado na escola estadual Agenor Clemente dos Santos, no dia 22 de outubro de 2018, nas turmas concluintes do ensino médio da manhã e da tarde.

Em primeiro momento, a pesquisa teve início com as visitas à escola para obtenção de informações referentes ao corpo docente e discente, também foi levantada informações sobre

a estrutura física da escola. Em segundo momento, a pesquisa se direcionou a observação das aulas de Geografia do professor dos terceiros ano do ensino médio.

As observações das aulas de Geografia do professor serviu como fase primordial para elaboração do questionário. Diante disso, foi elaborado dois tipos de questionário, um destinado aos professores e outro aos alunos, porém, seguindo o modelo: o do professor era um questionário aberto com 10 itens com o objetivo de fazer com que o professor ficasse livre para falar sobre sua formação e os desafios enfrentados no seu dia a dia para mediar um educar geográfico com seus alunos. Deste modo, o questionário aberto contaria com a opinião do autor sem induzi-lo a uma opinião contrária. Já o questionário dos alunos contou com 8 perguntas abertas, com o objetivo de identificar como o educar geográfico está sendo trabalhado em sala de aula, analisando o cenário de cada turma na visão do alunado.

Apenas uma professora foi entrevistada em nossa pesquisa, já que a mesma leciona nas quatro turmas analisadas neste trabalho. Na pesquisa com os estudantes, foram entrevistados 80 alunos das séries finais do ensino médio de um total de 98 alunos. Ou seja, foram entrevistados 81,6% dos alunos matriculados nas séries finais do ensino médio, enquanto os 18,4% não se encontravam presente no dia da aplicação do questionário. Após a obtenção das informações com os questionários e das observações das aulas de Geografia, foi realizada a análise das informações adquiridas na aplicação do questionário dos alunos e professor ao longo do texto.

Este trabalho se divide em três capítulos que irá expor como encontra-se a educação geográfica atual em sala de aula, perante o objetivo de formar cidadãos pensantes e que entendam esse novo espaço, irá também discorrer sobre os desafios que educação geográfica enfrenta no cenário atual, enfatizando uma análise mais precisa sobre a proliferação das tecnologias no nosso dia a dia, o livro didático e a formação do professor.

CAPÍTULO 1 - A PRODUÇÃO CIENTÍFICA E OS DESAFIOS DA GEOGRAFIA NO BRASIL

Neste capítulo, daremos ênfase há uma breve retrospectiva da ciência geográfica fazendo uma relação com o ensino. Diante disso, iremos analisar quais os desafios da educação geográfica no cenário atual, enfatizando a necessidade que temos em romper com o paradigma do ensino abstrato e tradicional, pois o espaço atual requer um ensino de Geografia do ponto de vista crítico e emancipador. A educação geográfica deve responder às novas problemáticas frequentes em nosso cotidiano.

1.1 Retrospectiva do ensino de Geografia

Historicamente, a Geografia foi idealizada inicialmente como uma ferramenta para auxiliar nas descrições de acontecimentos no quadro de ensino, ou seja, servia apenas para descrever os acontecimentos da História. A mesma, segundo Brabant (2010, p. 19) “se constitui como ciência (ou se pretende como tal) quando ela entra na segunda metade do século passado no circuito da instituição universitária.” Diante disso, Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009, p. 40) afirmam que

A Geografia, no fim do século XVIII, reuniu condições para constituir-se em ciência, mas ainda se defrontava com dois problemas: o primeiro dizia respeito à sua ligação com a História, da qual era servidora - ou seja, cumprindo o papel de apenas fundamentar aspectos e fatos históricos; o segundo problema referia-se às relações entre a natureza e o homem. A Geografia da época aceitava a influência quase absoluta do meio biofísico sobre o homem.

Essa tendência de compreender e colocar a Geografia em ação criou um círculo de formações, onde professores detentores desse modo de pensar formavam os próximos docentes, moldando e construindo a Geografia acadêmica, que passou a ser praticada em sala de aula, uma ciência pautada na descrição de informações.

Segundo Fantin; Tauscheck (2005) a Geografia surgiu para formar professores, contudo, seus estudiosos eram voltados para pesquisa científica afetando a formação dos professores. Diante disso, o ensino de Geografia surgiu nessas perspectivas na Alemanha e na França. Os discursos geográficos, de ambas, coincidiram com os interesses dos respectivos Estados.

O mesmo autor, afirma que a Geografia vinculou o conceito de território, de caráter político, ao conceito (pretensamente) científico de espaço vital. Desse modo, esse vínculo gerou representações coletivas sobre a questão territorial, entendida como natural e necessária

à empreitada colonialista. Enquanto, a principal bandeira da escola francesa de geografia era a neutralidade da ciência. Seu traço marcante foi o tom liberal, diferenciando-se da escola alemã, acusada de fazer da ciência uma seara ideológica (FANTIN; TAUSCHECK, 2005, p. 32-33). Levando em consideração esse contexto, o ensino de Geografia servia apenas para defender os interesses do Estado e não buscar um ensino crítico à sociedade, desse modo, perpetuou um ensino geográfico abstrato com objetivo de apenas descrever informações que o Estado considerasse adequada no aprendizado dos cidadãos.

Segundo Araújo (2010), foi no período do Império que o ensino de Geografia ganhou destaque, com a criação do Imperial Colégio de Pedro II em 1837. Foi a partir desta data que a Geografia adquiriu importância no quadro educacional de nosso país, conquistando, finalmente, sua autonomia. Contudo, continuou sendo uma disciplina de nomenclatura servindo de auxiliadora na entrada dos alunos nos cursos superiores de Direito do Rio de Janeiro. Por conta disso, foram desencadeadas diversas manifestações contra esse modo da Geografia ser exercida (ARAÚJO, 2016, p. 16).

O mesmo autor relata que, nesse decorrer imperial, o ensino de Geografia não sofreu modificações expressivas e, com isso, prevaleceu o seu método tradicionalista focado na abstração e descrição. Só vemos alterações nesse quadro no final do século XIX que, por sua vez, traz uma nova roupagem à Geografia, com fundamentos científicos nos embasamento de Humboldt e Ritter, buscando efetuar uma regionalização do Brasil. Diante disso, podemos dizer que a educação brasileira seguiu essa tendência de abstração desde sua formação como auxiliar de outras disciplinas.

Segundo Moraes, outras vertentes que tiveram destaque na evolução do pensar geográfico foram a Antropogeografia de Ratzel e o Possibilismo de Vidal de La Blache. A Geografia proposta por Ratzel

privilegiou o elemento humano e abriu várias frentes de estudo, valorizando questões referentes à História e ao espaço, como: a formação dos territórios, a difusão dos homens no Globo (migrações, colonizações, etc), a distribuição dos povos e das raças na superfície terrestre, o isolamento e suas consequências, além de estudos monográficos das áreas habitadas. Tudo tendo em vista o objeto central que seria o estudo das influências, que as condições naturais exercem sobre a evolução das sociedades (MORAES, 2005, p. 19).

O mesmo autor suscita que a obra de Ratzel não trouxe grandes avanços, em questão de método, pois propagou o uso do empírico no conhecer geográfico, onde sua análise seria a partir da observação e a descrição. Ou seja, continuou a perpetuar uma ciência geográfica tradicional. Apesar dessa questão, o mesmo deixou uma grande contribuição para Geografia, pois sua teoria influenciou novos pesquisadores. Contra-pondo-se à ideia de Ratzel, surge na

França uma Geografia mais humana com uma nova visão, defendida por Vidal de La Blache, onde buscava ir além das descrições que essa ciência vinha exercendo em suas pesquisas.

Vidal de La Blache definiu o objeto da Geografia como

a relação homem-natureza, na perspectiva de paisagem. Colocou o homem com um ser ativo, que sofre a influência do meio, porém que atua sobre este, transformando-o. Observou que as necessidades humanas são condicionadas pela natureza, e que busca as soluções para satisfazê-las nos materiais e nas condições oferecidos pelo meio (MORAES, 2005, p. 24).

Vidal de La Blache trouxe um novo olhar geográfico, um olhar que visava a natureza como alternativas para ação dos homens. Contudo, segundo o mesmo autor, a Geografia vidalina intensificou os propósitos da Geografia Humana mas seu objetivo maior era a paisagem: falava sobre o poder que o homem tinha em modificar o meio que habita, de acordo com seus interesses, assim, não buscou estudar essa problemática em relação à sociedade. Seu propósito maior foi contestar a teoria de Ratzel, enfatizando as técnicas e instrumentos de trabalho, o agrupamento, a relação homem-natureza, porém, deixando em escanteio as relações sociais e humanas.

De acordo com Fantin; Tauscheck (2005, p. 41), foi a partir da Segunda Guerra Mundial que a ciência geográfica passou por uma renovação, já que essa Geografia tradicional, “compartimentada, descritiva, não conseguia mais explicar o espaço e o discurso nacionalista enaltecido da pátria não era mais prioridade, a primeira saída foi a busca nos diferentes ramos geográficos.” Ou seja, a Geografia passou a ser aliada dos interesses das empresas e do Estado. A ciência geográfica passou a ser uma “arma utilitária” para o capitalismo, pois seus estudos e pesquisas tencionava à reprodução do capital.

Segundo Moraes, esse movimento de renovação da Geografia possuía uma gama diversa de métodos de interpretação e de posicionamentos de autores que o compõem. Diante disso,

a busca do novo foi empreendida por variados caminhos; isto gerou propostas antagônicas e perspectivas excludentes. O mosaico da Geografia Renovada é bastante diversificado, abrangendo leque muito amplo de concepções. Entretanto, é possível agrupá-las, em função de seus propósitos e de seus posicionamentos políticos, em dois grandes conjuntos: um pode ser denominado Geografia Pragmática, outro Geografia Crítica (MORAES, 2005, p. 36).

De acordo com o mesmo autor, a Geografia Pragmática tem o objetivo de defender os interesses do capitalismo, porém crítica, de forma superficial, a Geografia Tradicional para manter um campo neutro, servindo para orientar a expansão do capitalismo nesse novo viés de mundo. Aliás, essa vertente da Geografia é precursora da Geografia Quantitativa, também conhecida como a Geografia Teorética.

Seguindo esse contexto histórico da Geografia, Ramos (2016) relata que a Revolução de 1930 foi um marco e trouxe diversas modificações para Brasil: vimos a burguesia tornar-se a classe dominante e elaborar projetos voltados para industrialização do país. E esse fator foi primordial para quais objetivos a educação deveria seguir, enquanto um instrumento econômico. Ramos (2016, p. 75) aponta que

Mais do que um instrumento econômico, a educação passou a representar um relevante componente ideológico. Coube ela a função de modelar a sociedade, mobilizando as concepções de mundo vigentes e hegemônicas em níveis econômicos, políticos e culturais.

Seguindo essa lógica, podemos afirmar que a educação sofre, até hoje, a influência do Estado, que, a partir de seus objetivos, interfere no currículo escolar. A Geografia, por sua vez, por ser uma ciência que abarca amplas problemáticas e instiga o pensar, é uma das disciplinas mais afetadas nas escolas. O ensino da mesma ainda é posto como descrição de fatos, descontextualizado e isso propaga o que vemos hoje: o método positivista ainda sendo praticado em sala de aula.

Ainda sobre o raciocínio anterior, podemos dizer que, posteriormente a Geografia quantitativa ganhou força e expansão, ajudando o capital e o Estado com informações relacionadas à sociedade e à natureza. Esse novo momento histórico foi primordial para a expansão multifuncional do capital. Assim, possibilitou na academia um novo conceito para a Geografia seguir, o espaço, que visava os objetivos do Estado brasileiro. Diante disso,

a geografia adotou como conceito principal o espaço, pois era impossível ignorar as relações (sobretudo comerciais e econômicas) entre as diversas regiões do planeta como fundamentais na explicação de seus espaços geográficos. Porém, isso era feito sem questionar nem discutir as desigualdades e explorações que sustentam o modo capitalista de produção (FANTIN; TAUSCHECK, 2005, p. 43).

E isso só beneficiou o Estado e o modo de produção capitalista onde se insere, já que “a alienação e a fragmentação de conhecimento são percalços de uma democracia que, em vez de atender aos interesses dos cidadãos, atende aos interesses hegemônicos.” (DEON; CALLAI, 2018, p. 281). Assim, o ensino descritivo continuou a ser executado, pois alunos passivos não interferem nos objetivos que o Estado deseja. Vemos um “jogo de dependência” em que os cidadãos necessitam de educação e os detentores do poder a oferecem mediante seus futuros próprios benefícios.

Por causa dessas interferências, a Geografia continuou a ser fundamentada nos preceitos tradicionais de descrição, abstração e memorização, sem que os conteúdos fossem contextualizados. Essa tendência só alimentou a visão que boa parte da sociedade ainda tem sobre a Geografia de ser uma disciplina desinteressante. Sobre isso, Castrogiovanni (2007, p. 42) nos relata que “muitos ainda acreditam que a Geografia é uma disciplina desinteressante e

desinteressada, elemento de uma cultura que necessita da memória para reter nomes de rios, regiões, países, altitudes, etc.”

Os estudiosos passaram, então, a buscar uma nova concepção de Geografia que buscasse romper com a lógica do capital e mostrar que a ciência geográfica vai além da memorização de conteúdo. Foi nesse ponto que a outra vertente do movimento de renovação do pensamento geográfico ganhou vez e força. Esse novo pensar geográfico objetivou mostrar o lado obscuro e perverso que as demais concepções geográficas escondiam da sociedade. Diante disso, Fantin; Tauscheck (2005, p. 46) relatam que

A Geografia crítica foi a primeira linha de pensamento dessa ciência, que rompeu com o capital, elaborando um discurso de denúncia. Tornou-se, anunciadamente, uma vertente de ruptura no pensamento geográfico. Trouxe o debate político, social, econômico, inicialmente para os conceitos de região, natureza e sociedade, mais tarde aprimorando-os e ressignificando os conceitos de lugar, paisagem e território.

Suscitando o relato histórico da ciência geográfica aqui exposta, podemos dizer que seu modo de pensar passou por diferentes roupagens, suprindo sua demanda. O modo de produção capitalista esteve, através do poder do Estado, sempre a frente de como a referida ciência deveria ser posta em prática em sala de aula, nas instituições escolares e acadêmicas. Porém, a Geografia crítica revelou seu “lado oculto” e rompeu com essa lógica, denunciando a perversidade do capitalismo no cotidiano da sociedade.

Seguindo essa cronologia, Castrogiovanni (2007) nos apresenta quais objetivos a Geografia quer debater e refletir nesta primeira década do século XXI. Os autores relatam que a Geografia,

mais do que nunca, coloca os seres humanos no centro das preocupações, por isso pode ser considerada também uma reflexão sobre a ação humana em todas as dimensões. Ela preocupa-se com as inquietações do mundo atual, buscando compreender a complexidade da forma como ocorre a ordem e a desordem do planeta. Na realidade, ela é um instrumento de poder para aqueles que detêm os seus conhecimentos (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 42).

Analisando os momentos pelos os quais a Geografia passou até o momento atual, relatamos que essa ciência passa por

um momento de embate teórico-metodológico e prático realizado em três frentes: entre “a “new geography”, e a “geografia tradicional” de um lado, entre a “geografia crítica” e a “geografia tradicional” de outro, e ainda, e cada vez mais intensamente entre a “new geography” e a “geografia crítica” (OLIVEIRA, 2010, p. 27).

Assim, é nítido que a Geografia possui uma gama de interesses, de acordo com o objetivo que buscamos e por isso, é necessário compreendermos essas maneiras de se pensar Geografia e pôr em prática a que visa a sociedade como cidadãos críticos e que saibam se posicionar diante dos obstáculos postos em sua vida cotidianamente, que seja um sujeito

ativo, que possua vez e voz para lutar por seus direitos, para que não sejamos marionetes do poder do capital e do Estado.

1.2 Desafios da educação geográfica no cenário atual

A expansão da globalização já se concretizou em nosso cotidiano e entender esse novo viés é essencial para qualquer pessoa, já que ele traz impactos consideráveis no nosso dia a dia. Esse fenômeno é responsável pela interação de dezenas de nações, costumes e etnias, e informações diversas que mudam em uma fração de segundos. Diante disso, Deon; Callai (2018, p. 280) afirmam que a Geografia passa a ser uma ferramenta indispensável para compreensão dessa nova realidade, já que as informações são constantes e rápidas. Assim, essa ciência deve-se inovar e buscar romper os fundamentos descritivos que perpetuam na formação dos professores até os dias atuais.

Cavalcanti (2018) vem nos explicar o porquê de se entender a globalização, já que esse fenômeno mudou a visão de mundo e faz parte do nosso cotidiano. A referida autora afirma que

Entende-se a globalização como um fenômeno de eliminação de fronteiras entre os países de todo o mundo, que afeta múltiplos campos: cultural, tecnológico, social, econômico etc., e que traz como consequência a construção de espaços de relações integradas (CAVALCANTI, 2008, p. 15).

Compreender suas problemáticas é de suma importância para a classe docente, visto que esse fator pode afetar suas aulas e beneficiá-las com novas ferramentas metodológicas. Essa nova concepção deve ser posta em prática em sala de aula, pois os discentes e o mundo contemporâneo não são os mesmos, logo as didáticas de ensino devem ser diferentes, a Geografia deve ter novos objetivos.

A tecnologia é vista, hoje, como um “vilão” por grande parte da classe docente, pois os mesmos sentem “medo” dessa ferramenta e acabam deixando-a de lado. Porém, não devemos esquecer que, apesar dos avanços tecnológicos terem seus malefícios, as ferramentas midiáticas podem propiciar novas práticas de ensino-aprendizagem para melhor compreensão dos conteúdos trabalhados em sala de aula, além de fazerem parte do cotidiano do alunado. Assim, Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009, p. 39) nos relatam que

Muitas linguagens e tecnologias que atualmente estão disseminadas na sociedade pouco penetram em sala de aula. O debate sobre seus limites e possibilidades precisa ser realizado com certa urgência, para que os professores possam utilizá-las criteriosamente e criticamente na prática de sala de aula.

Esse é um dos desafios da Geografia no cenário atual: problematizar a globalização, desmascarar esse fenômeno evidenciando os problemas que causa em nossa vida, mas, também, usá-la ao favor do ensino, sendo uma apoiadora no processo de aprendizagem dos discentes. Mas antes de pões em prática esses novos conhecimentos em sala de aula, é preciso compreender o fenômeno. É nítido que “a mídia no processo educativo pode ser um grande aliado do professor, uma vez, que sustenta a informação do cotidiano de modo ágil para diferentes grupos sociais, apresentando um papel relevante na sociedade” (BUFFON; ANDREIS, 2015, p. 261). O cenário atual requer uma educação geográfica diferente, pois

os avanços na revolução técnico-científica e na globalização, somadas às radicais mudanças no mercado de trabalho, exigem uma escola voltada não somente para desenvolver a inteligência dos educandos, o senso crítico (pelo menos até um certo ponto), a criatividade e a iniciativa individual, mas também voltada para discutir os grandes problemas do mundo (VESENTINI, 2015, p. 22).

Segundo Santos (2000) a

globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a SIDA se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece, a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção (SANTOS, 2000, p. 10).

Diante do exposto, é possível dizer que a Geografia necessita de uma nova roupagem para suprir o que a demanda requer para entender o espaço em que se encontra inserido. Os alunos devem entender que esse fenômeno está centrado no modo de produção capitalista que visa, entre outras questões, a mão de obra barata e o consumismo.

De acordo com Oliveira (2010, p. 142), a Geografia tem o papel de levar “a compreender o espaço produzido pela sociedade em que vivemos hoje, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza”. Assim, a referida ciência não pode ser uma disciplina na escola que foque no abstrato e na “decoreba” de conteúdos.

A Geografia, nesse novo cenário, não deve ser pautada nos fundamentos positivistas, onde os alunos não são instigados a pensarem, criticarem, entenderem o lugar onde vivem e como as problemáticas podem afetar sua vida. Essa forma de educar só trouxe malefícios para classe trabalhadora, já que

a geografia como era ensinada não atraía os alunos; não havia uma consciência da importância dos conteúdos ensinados por essa matéria; o saber por ela veiculado era inútil e sem significados para os alunos, servindo, antes aos projetos políticos de formar um sentimento de patriotismo a crítico, estático e naturalizante: a memorização tornou-se seu principal objetivo e também orientou sua metodologia (CAVALCANTI, 2008, p. 23).

Esse método só beneficiava a construção do “eu patriota”. Além do mais, só possibilita um conhecer vago, um conhecer sem nexos com a realidade dos alunos, um ensino voltado para formar cidadãos passivos, que apenas escutam e concordam. Isso não é educar geograficamente, mas sim uma memorização de conteúdos descritivos sem problematizações.

Os desafios são grandes para o educar geográfico, como bem relata Brabant (2010) que as práticas de ensino-aprendizagem atuais não possibilitam uma formação de questionador no cidadão, já que

o enciclopedismo que contribuiu para a abstração crescente do discurso geográfico e que ainda é visível sua execução nas salas de aula. (...) só fez alimentar o tédio das gerações de alunos que classificaram e ainda classificam a geografia entre as matérias a memorizar. Tanto é que a mesma vem perdendo espaço no currículo escolar (BRABANT, 2010, p. 19).

Esse fator conectado ao mundo globalizado que, por sua vez, produz informações constantemente, só irá formar cidadãos que não questionam e que recebem informações e se alimentam delas como se fossem verídicas e únicas. Esse é o lado negativo dos meios de comunicação midiático, repassam muitas notícias, porém não tem a problematização, apenas a resume e apresenta o que lhe convém, desenvolvendo novas culturas e afetando as atuais. Assim, a Geografia no cenário atual não deve buscar “encher a cabeça do aluno com dados e informações, mas sim estabelecer as bases para que ele construa os instrumentos que o tornem capaz de ser sujeito de sua vida” (CALLAI, 2010, p. 32).

Repensar a Geografia escolar é preciso, os discentes devem ver o mundo com outra percepção, uma que o interligue com o meio, que possibilite entender o lugar que se encontra que o faça adquirir conhecimentos, enfim, os mesmos não devem se contentar com as informações repassadas, devem duvidar constantemente tornando-o um ser inquieto que não se deixa manipular pelo discurso da mídia. Seguindo essas preocupações com os alunos, a Geografia assumirá seu real papel de poder contribuir para a formação cidadã, se desvinculando da abstração e se fundamentando em uma aprendizagem que faça o sujeito se integrar nessa sociedade (DEON; CALLAI, 2018, p. 278).

Segundo Castrogiovanni; Batista (2018, p. 03) “a Geografia escolar é um produto, não passivo, que está envolto nas transformações engendradas pela técnica, a ciência e a cultura que se estabelecem na sociedade ao longo das gerações”. Porém, vemos que a mesma estacionou no ensino tradicional sem seguir as necessidades exigidas hoje, possuímos novos quereres, novas responsabilidades, novas prioridades e, para suprir essas novas questões, o educar geográfico deve ganhar uma nova roupagem. E essa educação geográfica vai além do que a atual Geografia escolar executada em sala de aula oferta. Ela busca conhecer o local que

os discentes ocupam para que possa contextualizar os conteúdos da disciplina, de acordo com a vivência dos sujeitos.

A educação geográfica em sala de aula não pode mais propagar as práticas de ensino relatadas anteriormente, pois as mesmas não possuem significados e nem nexos para os alunos. O distanciamento do conteúdo com seu cotidiano os faz perder o interesse da disciplina Geografia. Enfim, a educação geográfica é aquela que procura

superar as aprendizagens repetitivas e arbitrárias, e passar a adotar outras práticas de ensino, investindo nas habilidades: análises, interpretações e aplicações em situações práticas; trabalhar a cartografia como metodologia para a construção do conhecimento geográfico, a partir da linguagem cartográfica; analisar fenômenos em diferentes escalas; compreender a dimensão ambiental, política e socioeconômica dos territórios, dando dessa forma um caráter diferenciado ao currículo escolar (CASTELLAR, 2010, p. 55).

Inicialmente, o professor deve instigar o aluno a conhecer seu lugar, pois a sua casa e seus cômodos, a rua ou bairro onde mora, sua rotina e hábitos possuem um papel importante na compreensão do espaço geográfico na vida discente. Além de que os mesmos constroem, a partir daí, a base de seu ver o mundo, podendo iniciar uma compreensão dos problemas sociais que fazem parte do cotidiano de cada aluno e aprofundar essas temáticas em sala de aula, para que os mesmos possam adquirir conhecimento sobre o porquê dessas dificuldades enfrentadas por cada um deles. Assim, de acordo com Sues; Leite (2016, p. 80), o lugar passará a “incorporar os sentidos experienciais, no qual cada pessoa reconhecerá o significado por meios das relações construídas e estabelecidas”. Não podemos, como mediadores do conhecimento geográfico, formar cidadãos inaptos a se inserirem na sociedade.

De acordo com Kunz; Castioni (2016), os discentes necessitam compreender esse novo espaço geográfico, já que o mundo tem se configurado como mais complexo e

essa complexidade é manifestada no cotidiano da vida em seus múltiplos aspectos. Tal conhecimento cumpre o papel de mediador, pois, é determinante para a percepção, reflexão e compreensão dos fatos e fenômenos, potencializando a intervenção na realidade (KUNZ; CASTIONI, 2016, p. 64).

Ou seja, tudo que acontece no mundo tem impacto na nossa realidade e deixar de enfatizar essa questão é uma falha do professor que pode gerar grandes consequências no ensino de Geografia e na formação dos alunos. Tendo em vista todo relato da importância do professor de Geografia, introduzir seus conteúdos partindo do lugar dos discentes, do espaço onde a escola se encontra, podemos enfatizar que esse processo parece ser simples de pôr em prática. Porém, os desafios são constantes e estimulam para que os docentes acabem se tornando meros transmissores de conhecimentos.

Enquanto crítico e pesquisador em relação a atuação dos docentes em sala de aula, os futuros graduados estão em constante indagações a sua postura e seu método de ensino. Mas,

apesar de criticarmos os desafios enfrentados pelos professores, quando chega nossa vez de “pôr em prática” o que criticamos, também enfrentamos dificuldades: sentimos na pele as adversidades encontradas no dia a dia escolar e, apesar de apontar “absoluta lucidez na análise, na crítica do outro em ação” quando é hora de eu (ou você, meu leitor) fazer diferente/melhor, nos apertamos. Sair do mundo do discurso e ir para a ação. Daí o bicho pega” (KAERCHER; MENEZES, 2017, p. 44).

Segundo a ideia anterior, podemos dizer que, mesmo no nosso processo de formação, principalmente no componente Estágio Supervisionado, os futuros docentes acabam por criticar os professores observados sem levar em consideração todo viés de desafios que nossa classe enfrenta cotidianamente. Não podemos criticar algo que não conhecemos por completo, pois em sua maioria os docentes enfrentam “precárias condições de trabalho oferecidas pelas escolas, ao número elevado de horas que se viam obrigados a cumprir e ao grande número de alunos em sala de aula” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 37). Ser professor não é um “conto de fadas” que colocamos em nossa cabeça após sair do campo acadêmico, que seremos os “infalíveis super-heróis” que modificarão para sempre o cenário que a Geografia (não só ela) se encontra nas escolas. A esses desafios, nossa tarefa é buscar vencê-los e proporcionar um ensino de qualidade aos alunos.

Em fato, tendo por base o aporte teórico construído anteriormente, ser professor é estar preparado para enfrentar essa rotina cansativa de trabalhar em diferentes turnos, em diferentes escolas com uma demanda exorbitante de alunos em sala de aula. Infelizmente, isso faz parte da nossa realidade, agora o que iremos fazer para não nos tornarmos cansados e buscar sempre mediar um ensino do ponto de vista crítico e dinâmico, esta será nossa missão.

Atrelado a essa problemática de desafios enfrentados pelos professores de Geografia em sala de aula para que não busquem inovações em seus métodos de ensino, temos o livro didático, que cumpre um papel de propagar um conhecer abstrato quando não é contextualizado. O papel do livro didático é ser mais uma ferramenta auxiliadora do ensino de Geografia e o mesmo “deveria configurar-se de modo que o professor pudesse tê-lo como instrumento auxiliar de sua reflexão geográfica com seus alunos, mas existem fatores limitantes para tal” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 343). Ou seja, essa ferramenta não deve ser o único meio que o professor deve usar como uma base para suas aulas, além do que o livro didático é fragmentado.

Partindo de um contexto histórico, segundo Sene (2014, p. 29), “o livro didático existe desde muito antes da institucionalização da Geografia acadêmica e da criação dos primeiros cursos universitários, tanto na Europa como no Brasil”. Ou seja, seu uso tem uma importância

significativa no ambiente escolar, desde sua origem até os dias atuais e criticar seu uso em sala de aula, sem levar em consideração sua importância, é um erro. Ferracini; Hollman deixam evidente a importância do livro didático, quando afirmam que

Não somente no Brasil, o livro escolar possui forte peso na cultura escolar, com uma autoridade inquestionável e irrefutável, para alunos, professores e pais. Os denominados como “senhores do conhecimento” como uma provocação, já que em muitos casos o compêndio escolar é o segundo livro mais importante nos lares, atrás da Bíblia Sagrada (FERRACINI; HOLLMAN, 2014, p. 04).

É notável o quanto é importante ter o livro didático nas escolas para o uso dos alunos e professores, além do mais esse material didático é uma ferramenta auxiliadora que pode beneficiar as aulas. Porém, destacamos seu uso exclusivo para o ensino, por uma certa parcela da classe docente, como única ferramenta didática utilizada, esse viés que criticamos.

O livro didático deve sim ser utilizado pelos professores e alunos, mas sempre partindo de uma contextualização dos conteúdos presentes no material, pois seu uso como fonte única repassa um aprendizado vago. Não devemos esquecer que o cenário que situamos é diferente aos anteriores, levando essa informação em consideração, é nítido que vivemos em um “período histórico onde os livros escolares deixaram de ser a única via de acesso ao conhecimento (Internet, sem dúvida é a nova enciclopédia que alunos e pais usam cotidianamente para resolver atividades escolares)” (FERRACINI; HOLLMAN, 2014, p. 04-05). Ou seja, usar apenas essa ferramenta deixará suas aulas fragmentadas, sem um nexo com a realidade que os discentes enfrentam no dia a dia.

De acordo com Sene, os autores dos livros didáticos sempre buscaram seguir o contexto histórico que se fazia presente na elaboração de cada edição desse material, porém, o Estado passou a avaliar esse material e no início os melhores avaliados, mais inovadores pelos professores eram adotados em sala de aula, mas devido aos livros didáticos não seguirem os propósitos do Estado, o Governo Federal passou a vetar a compra. Os autores se viram obrigados a seguir os critérios estabelecidos pelo Governo Federal ou seu material correria o risco de não ser adotado pelos professores e até mesmo ser rejeitado. Ressaltamos também que os professores tiveram sua parcela de interferência (negativa) na elaboração dos livros inovadores, pois

Com o passar do tempo os professores se deram conta de que os livros mais bem avaliados eram os mais inovadores, portanto, os que exigiam mais mudanças em sua prática docente, e muitos deixaram de adotá-los. Com o tempo esses livros apresentaram uma queda nas vendas e as editoras passaram a investir menos em sua divulgação, fazendo com que muitos até mesmo deixassem de ser editados” (SENE, 2014, p. 39-40).

Podemos afirmar que tanto o Estado quanto os professores contribuíram para que os livros didáticos não inovem e continuem com um visão de mundo abstrata, que não condiz

com o cenário atual em que vivemos. Porém, por ser o grande “comprador” do material didático, o Governo Federal tem sua parcela de interferência bem mais relevante.

Já afirma Oliveira (2010, p. 137) que

O livro didático tornou-se a “bíblia” dos professores e nem sempre as editoras colocaram no mercado livros com um mínimo de seriedade e veracidade científicas. A grande maioria contém erros grosseiros, cuja identificação certamente daria para escrever um livro.

Isso evidencia a limitação que o livro didático oferta para o aprendizado dos alunos. É notável que o professor usando apenas essa base só será um precursor de conteúdos descritivos e sem importância para os alunos, já que a maioria dos conteúdos são apresentados de forma distante da realidade do alunado. No espaço em que vivemos, onde a circulação de informações é constante e a mídia se faz presente no cotidiano, não podemos fazer uso de livros didáticos que possuem uma linguagem desconexa com o espaço-tempo que os discentes convivem. Para que os livros possam ser uma ferramenta produtiva para o ensino os autores dos livros didáticos devem descobrir “formas atraentes de tratar de assuntos relativos ao cotidiano dos alunos do ponto de vista espacial e de outras realidades, os quais no mundo globalizado em que vivemos interferem no cotidiano tanto do aluno quanto do professor” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 343). Desta maneira, não basta apenas um texto bom e crítico, se não passa significados e nem compreensão dos conteúdos aos discentes.

Segundo Evangelista (2018, p. 328), “um livro didático baseado apenas no singular, na realidade imediata, restringe a capacidade do aluno de apropriar-se de forma crítica dos objetos de conhecimento”. Essa questão que é posta em nossa crítica, o livro didático não pode ser adotado desta maneira, por isso a importância de uma boa escolha por parte da classe docente. Os livros escolhidos devem ser criteriosamente analisados antes de sua escolha pelos professores, mas a classe docente atualmente

não tem tido condições, na maioria das vezes, para se formar dentro de um processo crítico que lhe permita também tornar-se um verdadeiro “juiz crítico” do livro didático. Passou, portanto, a ser vítima deste, partindo de uma premissa nem sempre verdadeira: “Se está publicado é bom, e está correto o que aí aparece escrito” (OLIVEIRA, 2010, p. 138).

Analisando a ideia, podemos dizer que, uma grande parcela da classe docente não possui em sua formação um critério crítico em relação ao livro didático, levando-os a escolherem qualquer livro ou mesmo fugindo da responsabilidade em escolher um bom material didático. É certo que a problemática vem se perpetuando, pois

As propostas curriculares que se efetivam nas instituições acadêmicas, contudo, pouco discutem a questão do livro didático, principalmente, nos aspectos da contextualização da sua produção e significação, contribuindo, conseqüentemente,

para a utilização do livro didático de modo consensual e sem questionamentos. Ademais, quando essa discussão é deixada à margem, renega o fato de que o livro didático é um elemento constitutivo do processo educacional brasileiro (EVANGELISTA, 2018, p. 314-315).

De acordo com o mesmo autor, os docentes recém formados saem das instituições acadêmicas sem uma criticidade relevante para com o livro didático, pois o debate sobre tal ferramenta foi falha, ocasionando uma má escolha do material didático, desinteresse em participar do processo de seleção para escolha do livro didático, por conseguinte, seu uso como verdade única e sem questionamentos referentes aos conteúdos estabelecidos nos livros didáticos. Ou seja, um problema puxa outro, formando uma “bola de neve”. Suscitando a crítica a produção de livros didáticos com informações sem nexos e fora contexto atual vivido pelos discentes, Azambuja (2014, p. 27) relata que

Os livros didáticos produzidos e publicados no período pós-Parâmetros Curriculares Nacionais apresentam importantes mudanças qualitativas, tanto no padrão gráfico, quanto conteúdo e na forma das atividades de sala de aula. As referências teóricas e metodológicas dos textos oficiais são interpretados e reproduzidas nas publicações destinadas aos alunos e nos alunos e nos respectivos conjuntos de orientações para o uso dos professores.

Enfim, os livros didáticos e os materiais de orientação trazem rupturas relevantes a Geografia Tradicional, construindo uma nova perspectiva para o livro didático baseada na Geografia Crítica. No entanto, ainda houve e há permanências de conteúdos programáticos informativos e pré-estabelecidos. Ou seja, apesar de existir livros didáticos mais atuais seu conteúdo ainda necessita ser problematizado pelos professores em sala de aula e a escolha do livro ideal para auxiliá-lo na formação dos discentes é essencial.

O livro didático poderá ser válido ao aprendizado dos discentes e melhoria da educação se o professor estabelecer com ele uma convivência produtiva, num constante diálogo com a realidade. Além do mais, nenhum material didático poderá por si só ser responsável por uma aprendizagem significativa e eficaz (ALBUQUERQUE; FERREIRA, 2013, p. 50), pois, de acordo com Hahn; Kaercher (2016, p. 259), o referido material didático é

fornecido pelos órgãos mantenedores das instituições de ensino, apresenta-se de forma generalista. As peculiaridades locais passam despercebidas, o que pode contribuir para a monotonia e o afastamento da vontade de estar em sala de aula. Se a curiosidade do aluno não for despertada, tão pouco será despertada o desejo de conhecer e aprender. As mazelas do ensino de Geografia se fortalecem e contribuem para essas lacunas, às vezes, abismos.

Analisando a citação, podemos afirmar que um dos objetivos do livro didático é formar cidadãos passivos, se os conteúdos não forem contextualizados pelo docente, e para não cairmos nesse marasmo, é preciso que o professor na hora de escolher um livro didático

não o faça de forma aleatória, pois uma má escolha afeta o educar geográfico. Sobre como o livro didático deve apresentar-se para os docentes e discentes nesse cenário atual, Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009, p. 342-343) relatam que

O livro didático de Geografia não pode apresentar-se como um conjunto de informações sem nexos ou correlações. Além de não ter a linguagem atraente da televisão ou dos sites visualizados na internet - isso para considerar a camada da população com acesso ao telefone e ao computador -, ele pode não contribuir para a produção de um conhecimento que ajude o aluno a enriquecer sua visão de mundo mediante estudos geográficos.

Depois de levantar essa crítica ao uso do livro didático, como fonte única para o ensino da Geografia em sala de aula, ser um malefício ao aprendizado, Cavalcanti (2013) só vem confirmar, em suas pesquisas sobre as práticas de ensino de Geografia que ainda permanecem no século atual, o que esse material didático pode ocasionar se não for bem escolhido e contextualizado para o ensino-aprendizagem. A autora relata que

É frequente em pesquisas nessa área o conhecimento de que o livro didático é um importante recurso para os processos de ensino e aprendizagem em Geografia. Reconhece-se inclusive o avanço qualitativo desse recurso nos últimos anos. Mas, também aponta-se a necessidade de não tomá-lo como fonte única de estruturação dos conteúdos e do trabalho do professor (CAVALCANTI, 2013, p. 373-374).

Assim, são notáveis os males que o livro didático podem ocasionar no aprendizado, mas “é preferível o aluno ter em mãos um livro de Geografia a não ter nenhum, principalmente por sabermos que, no que tange à milhares de famílias brasileiras, o livro não faz parte dos elementos culturais presentes em seus lares” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 343-344). Contudo, devemos romper com a lógica do seu uso como única ferramenta de prática de ensino-aprendizagem, é necessário que os professores de Geografia façam boas escolhas dos livros e os contextualize quando seus conteúdos forem trabalhados. Uma educação geográfica eficaz, que leve em consideração o espaço em que vivemos e as problemáticas que rodeiam o mundo e o nosso dia a dia, só se fará presente quando o docente obtiver a consciência de qual é o papel do professor. E sua formação acadêmica será ímpar para que essa nova Geografia seja posta em prática na sala de aula.

A formação do professor será de suma importância para que essas novas práticas metodológicas sejam aplicadas em sala de aula. Contudo, o curso de licenciatura plena em Geografia deve-se voltar para formação de professores aptos a lecionarem nesse novo meio. Ainda vemos um ensino estagnado ao ensino tradicional, sem se preocupar com o conhecimento prévio do alunado e uma das dificuldades na formação dos docentes de início tem a ver com a “aprendizagem de conteúdos teóricos da geografia acadêmica, e de suas diversas especialidades, sem a reflexão de seus significados mais amplos e de como atuar na prática docente com esse conteúdo” (CAVALCANTI, 2008, p. 45).

As dificuldades enfrentadas na preparação dos docentes são nítidas, já que a aprendizagem aplicada em sala de aula no âmbito acadêmico ainda é fundamentada na base da memorização e fragmentação dos conteúdos sem relacioná-las com o como se ensinar e a quem ensinar. Os conteúdos fogem do que realmente ocorrem no dia a dia das escolas e dos alunos, e não entender esse meio que fará parte do cotidiano dos futuros professores prejudicará sua formação. Estamos vendo professores sair das universidades sem compreender o real significado de ser professor, principalmente nas instituições privadas.

Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009) relatam que existe uma grande porcentagem de professores formados em Geografia e que ensinam na escola básica que foram formados em instituições privadas, onde ofertava “um curso duplamente curto que estabelecia dois anos para a licenciatura polivalente em Estudos Sociais e mais dois anos para a habilitação em Geografia. Alterados, fragmentados, semelhantes cursos acabaram por comprometer a formação desses profissionais” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 91).

Mediante o cenário posto, os cursos de licenciaturas em instituições privadas foram prejudiciais à formação da classe docente, afetando o ensino de Geografia nas escolas. Essas falhas do curso são visíveis quando o professor se destina para seu campo de trabalho, a escola e o mesmo não consegue buscar procedimentos que tornem o ensino algo produtivo, que forme sujeitos pensantes e que saibam se inserir na sociedade tendo vez e voz. Vemos uma propagação de um ensino abstrato que não beneficia os sujeitos que saem de casa todos dias em busca de conhecimento. Por não conhecer seu lugar, os alunos que buscam a profissão de professor sentem dificuldades na academia. Esse ciclo vicioso traz malefícios para o educar geográfico, já que

Uma formação precária prejudicará a ação docente na escola e faltará aos professores a capacidade para argumentar e interpretar; explicar o mundo e a realidade e as consequências que resultam, comprometerá o processo de ensino e aprendizagem (CASTELLAR, 2010, p. 41).

Apesar de reformulações nos currículos das universidades, diversos são os problemas enfrentados na formação do professor, tanto nas instituições privadas quanto às públicas. Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009, p. 91) relatam que

na universidade pública, bacharelado e licenciatura têm-se constituído, no decurso da história, como cursos separados, com pouca ou nenhuma relação entre si. Nesse caso, a licenciatura aparece numa situação de inferioridade, ou seja, o curso técnico-científico ganha maior importância, enquanto a licenciatura caracteriza-se como um curso complementar e secundário.

A licenciatura e o bacharel por continuarem separando essas duas vertentes, que devem caminhar juntas, vêm trazendo malefícios na formação do professor. Segundo Pinheiro (2006), essa ideia se perpetuou ao longo de sua história, onde muitos acreditam que o

bacharelado tem status superior à licenciatura por formar o geógrafo profissional, por sua vez, a licenciatura cumpri o papel de “apenas” formar o professor, tendo como finalidade transmitir os conteúdos resultantes das pesquisas realizadas pelos pesquisadores. Além dessa problemática temos diversos impasses no curso de licenciatura quanto à sua formação de professores, principalmente

por não ter atendido às necessidades da formação para todos os níveis do ensino. Os entraves existentes na licenciatura são vários, mas, no caso da Geografia, considerando o que revelam as pesquisas, estão relacionados à desarticulação entre a formação acadêmica e a prática docente. Os problemas residem na organização dos cursos, em sua desvalorização por alguns institutos e professores das disciplinas específicas e pedagógicas, além de sua pouca inserção na realidade (PINHEIRO, 2006, p. 94).

Seguindo essa ideia, podemos dizer que os cursos de licenciaturas enfrentam vários problemas na formação de professores que sejam aptos a mediarem o aprendizado dos discentes em sala de aula. Tratando o curso como um fragmento de ideias e uma inferioridade ao bacharel, esquecendo que “a formação profissional em Geografia abarca também a formação do planejador, do técnico e do pesquisador” (ROSA, 2006, p. 19), ou seja, a licenciatura também necessita disponibilizar essa formação para sua classe docente.

De acordo com Pinheiro (2006, p. 96-97), “o papel da universidade é, antes de tudo, compromisso com o saber, enquanto produto do conhecimento sistematizado individual e coletivo, sendo produzido em conjunto e para a sociedade”. Ou seja, as licenciaturas devem dar prioridade ao ensino, a prática e ao ambiente escolar, pois esse será o espaço onde o professor irá ocupar. Porém, vemos nos cursos de licenciaturas componentes de Didática e Prática de Ensino, por exemplo, sendo abordada, ora de modo teórico, ora de modo prático, por vezes se afastando da prática e realidade encontrada no âmbito escolar. Souza; Zanatta (2006, p. 70) relatam que essa maneira de tratar o curso de licenciatura propagam aulas de Geografia que desconsideram “as noções espaciais que os alunos possuem e investem em uma prática pouco atrativa, em que os conteúdos não mobilizam os alunos a uma aprendizagem significativa”.

Cavalcanti (2006, p. 45) afirma que

A decisão sobre o caminho metodológico, e de resto as outras decisões atinentes ao cotidiano do trabalho docente, deve ser feita pelo professor, individual e coletivamente, de modo consciente e com autoria. Ou seja, o professor deve buscar condições para que possa realizar seu trabalho docente apoiado em um projeto pedagógico-didático no qual ele acredita, o qual ele defende, projeta a ser construído coletivamente e resultante da discussão de projetos e propostas concretas individuais.

Na realidade, vemos muitos professores com uma formação deficitária, já que adquiriu um conhecimento fragmentado e sem nexos com a realidade escolar e dos alunos. Adotar as

práticas citadas anteriormente, requer um curso de licenciatura que esteja preocupado em formar docentes pesquisadores, que busquem está em constante formação, pois o cenário atual em que vivemos necessita disso.

Segundo Rosa (2006), a universidade tem o compromisso de ofertar qualidade no processo formativo dos professores que, por sua vez, tem papel importante na formação humana da sociedade. Tendo em vista esse viés, cabe a universidade romper com

as correntes da Geografia tradicional, caracterizada pela estruturação mecânica dos fatos, fenômenos, pela descrição, pela enumeração de dados e propiciar o desenvolvimento da capacidade de apreensão da realidade geográfica nas suas contradições. Formar raciocínios e concepções mais articulados, ajudar os estudantes a pensarem os fatos e acontecimentos como constituídos de determinantes múltiplos, mediante várias possibilidades de leitura (ROSA, 2006, p. 20).

A universidade não pode mais continuar a propagar a formação de professores que apenas repassam conteúdos sem ser contextualizado e que nem buscam novas metodologias de práticas de ensino-aprendizagem. A universidade em seus cursos de licenciatura tem a obrigação de formar um professor-pesquisador, relacionando com prática de ser um professor do ambiente escolar, já que será seu campo de trabalho diariamente. Não pode cair no comodismo de que alguns são melhores pesquisadores que professores e vice-versa, pois trabalhar a prática é essencial em sua formação como futuro professor escolar. Pinheiro (2006, p. 102) afirma que “dissociar a pesquisa do ensino na universidade é um grande equívoco, pois o papel desta instituição é promover a pesquisa em todos os cursos que oferece, seja na formação do engenheiro, do químico, do geográfico, do professor, do administrador, etc”.

Novos paradigmas estão surgindo nos cursos de licenciaturas, contudo, essas novas abordagens visam a formação de professores pesquisadores e não um mero repassador de conteúdos não contextualizados e sem significados para sua demanda, buscando sua capacitação em “um processo permanente, marcado pelo desenvolvimento da capacidade reflexiva, crítica e criativa, conferindo ao professor autonomia na profissão e elevando seu estatuto profissional” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 92). Porém, esse novo processo na formação de professores está ocorrendo de maneira lenta.

Seguindo o relato da autora, é preciso que o professor entenda que sua formação é um processo continuado. Mas, para isso, a instituição deve entender que não está formando apenas sujeitos que repassam conteúdos abstratos, mas sim estará formando professores pesquisadores que buscam o conhecimento a todo instante. Esse novo professor é que terá a responsabilidade de tentar mudar o quadro que a educação geográfica (não só ela) se encontra nesse mundo contemporâneo. Enfim, “o professor deve ser menos um mero repassador

daquilo que se instituiu como verdade e mais o sujeito capaz de relativizar as verdades a partir do seu próprio fazer histórico” (SOUSA NETO, 2008, p. 17-18).

Kimura (2008, p. 44) vem nos dizer que “o fundamento do papel dos professores define-se na condição de nos colocarmos como protagonistas, cujo papel vai desde o de mediadores do ensino-aprendizagem até o de atores educacionais”. Ou seja, nossa função de mediadores vai além do espaço da sala de aula e da escola, deve estar ligada ao local que os discentes vivem diariamente. As novas concepções de se educar geograficamente devem estar presentes no ensino dessa ciência, pois, sem compreender o mundo caótico em que estamos inseridos não podemos mediar a formação de cidadãos pensantes. Para isso, “é preciso tornar-se sujeito do pensar geográfico para saber orientar o outro a construir seu conhecimento socioespacial” (FANTIN; TAUSCHECK, 2005, p. 12).

Freire relaciona a formação do professor com o ato de aprender a cozinhar e a prática de velejar, podemos ver essa relação na citação a seguir:

O ato de cozinhar, por exemplo, supõe alguns saberes concernentes ao uso do fogão, como atendê-lo, como equilibrar para mais, para menos, a chama, como lidar com certos riscos mesmo remotos de incêndio, como harmonizar os diferentes temperos numa síntese gostosa e atraente. A prática de cozinhar vai preparando que ele vire cozinheiro. A prática de velejar coloca a necessidade de saberes fundantes como o domínio do barco, das partes que o compõem e da função de cada uma delas, como o conhecimento dos ventos, de sua força de sua direção, os ventos e as velas, a posição das velas, o papel do motor e da combinação entre motor e velas. Na prática de velejar se confirmam, se modificam ou se ampliam esses saberes (FREIRE, 1996, p. 12).

Ou seja, o professor será um “cozinheiro” em estágio de aprendizado em sua formação e a academia será o ponto de partida para o mesmo buscar o conhecer e se tornar um professor, sendo um aprendizado contínuo. Lógico que terão “os pratos” mal feitos, porém, o mesmo aprenderá com os erros e quando for elaborar a nova “receita” pode ser que dê certo. O ato de cozinhar será o percurso que o professor irá percorrer para tornar-se um bom docente. Já o ato de velejar está atrelado às mudanças no mundo em que vivemos constantemente: compreender esse novo espaço e buscar medidas de usá-lo ao seu favor é que o tornará um professor em formação continuada.

Diante desse cenário, vemos a formação de um corpo docente atrelada aos interesses do Estado. Assim, não devemos colocar a responsabilidade e a culpa por completa de temos uma educação tão passiva nos ombros dos docentes. O sistema político interfere no currículo do ensino público, desde a alfabetização ao ensino superior e já há um longo prazo de suas influências, ou seja, a luta por mudanças e busca de novas abordagens geográficas e valorização do professor (de todas as licenciaturas) é contra os objetivos do governo brasileiro. Tal instituição e agente social, querendo manter seu jogo de interesse, uma

sociedade passiva, através dos currículos buscam treinar os professores e os alunos “a não pensar sobre e o que é ensinado e sim, a repetir pura e simplesmente o que é ensinado. O que significa dizer que eles não participam do processo de produção do conhecimento” (OLIVEIRA, 2010, p. 28).

No cenário atual, vemos uma grande parcela de docentes descontentes com o cenário educacional e, por isso, buscam de forma mais ativa e através da pesquisa romper com a influência do capitalismo em seus currículos de ensino, posicionamento nítido nos cursos públicos em educação. Pois, como afirma Pontuschka (2013, p. 435),

Na atualidade não se aceita que os governos e empresários brasileiros continuem a contribuir para a mercantilização da escola como um produto que se compra no mercado, nem a escola, nem o espaço urbano, nem a cidade deve ser considerada como mercadoria.

A ideia de que o professor escolar não precisa da pesquisa constante é posta abaixo, já que sem o conhecimento acumulado e buscando novos saberes, o professor não poderá ir contra o currículo posto pelo poder do capitalismo nas escolas e universidades. Só através da pesquisa para sua capacitação como profissional mediador do conhecer o mundo, veremos na academia uma preocupação em desenvolver metodologias que visem o educar geográfico nos professores e nos alunos. Contudo, essa prática será visível quando mudar a política de exercício da docência da escola pública, onde não permite que o professor faça isso, seja pelas condições inexistentes, ou baixos salários.

No mundo globalizado vivido, o ensino de Geografia requer um olhar direcionado ao educar geograficamente: uma educação geográfica visa partir do conhecimento prévio do aluno, onde serão desenvolvidas práticas metodológicas de ensino-aprendizagem que busquem conectar o lugar em que cada um se encontra nesse espaço. Apesar do Estado atrelado ao modelo capitalista influenciar nos currículos pedagógicos das escolas e universidades vemos que novos profissionais da educação estão se capacitando para esse novo meio, através da formação continuada e componentes curriculares que dêem um norte aos futuros docentes lhe mostrando práticas metodológicas que visem um olhar geográfico com o cotidiano dos discentes e a construção de currículo que deve levar “em conta o aluno enquanto sujeito do conhecimento, ocupando, por isso, o centro do processo de aprendizagem” (KIMURA, 2008, p. 101).

Esses novos paradigmas estão “em guerra” com a Geografia tradicional: é difícil romper um paradigma objeto de manipulação do capitalismo em sala de aula, que busca a alienação e a passividade dos alunos. O professor está entendendo que ele é o mediador na formação de sujeitos pensantes, assim está reconstruindo um educar geográfico atrelado a

ciência que possibilite o desenvolvimento de uma mudança no campo docente acadêmico e escolar futuramente.

Segundo Vesentini (2010, p. 25), “educar para liberdade não é apenas educar os outros, mas também a si mesmo, de forma permanente, aprendendo ao mesmo tempo que se ensina”, e é nesse sentido que a academia de ensino está se voltando na formação dos professores. Pois só com uma formação neste âmbito é que os professores saberão qual seu papel nesse meio. E no cenário atual, o seu papel é aproximar cada vez mais os conteúdos da Geografia com o cotidiano dos alunos, para que assim possa surgir uma educação geográfica. É nítido que essa educação geográfica será posta em prática se o professor compreender que o mesmo é um mediador do conhecimento e, para isso, sua formação deve ser um processo constante. Acrescenta-se que “se a formação profissional for desqualificada, os professores tenderão a ver nos livros e nos currículos prescritos a sua tábua de salvação e reproduziram exatamente aquilo que está colado às páginas” (SOUSA NETO, 2008, p. 25).

CAPÍTULO 2 - POR UMA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

No espaço-tempo em que vivemos atualmente, se faz necessário termos uma educação mais geográfica, em relação a disciplina Geografia nas escolas. Cavalcanti (2006, p. 32) relata que

A educação geográfica, realizada com os conhecimentos da Geografia escolar, considera que os interesses, as atitudes e as necessidades sociais e individuais dos alunos mudam em função dessa nova realidade espacial, sendo assim, não pode ficar alheia às mudanças da Geografia acadêmica.

Os alunos contemporâneos necessitam de uma educação que instigue seu olhar para o espaço em que vive, observando os problemas que os rodeiam para chegar em um visão mais crítica de problemáticas amplas existentes no Brasil e no mundo. Desse modo, os discentes adquiram o conhecimento e serão aptos a questionarem as informações diárias que chegam até nós e também facilitará seus posicionamentos mais críticos diante das problemáticas enfrentadas pela sociedade. Para aplicação dessa nova proposta de ensino, é preciso que o professor entenda que hoje a sua formação deve ser contínua. Reforçando o fato exposto, Cavalcanti (2008, p. 47) discorre que

o professor precisa estudar permanentemente, buscar informações e também formar um quadro de referência pessoal que dê conta de ajudá-lo na análise do mundo, do aluno e da escola, e do que é universalmente necessário para que esse aluno tenha seu próprio quadro de referência para pensar espacialmente esse mundo.

O professor tem o papel de pôr em prática esse viés de se ensinar a Geografia escolar, pois temos a necessidade de romper de vez com o ensino fragmentado, sem contextualização dos conteúdos, sem significados para o alunado. A classe docente deve fugir dessas metodologias de ensino pautada no positivismo, porém, Pillatt; Santiago; Callai (2017, p. 18) enfatizam que, “a fuga da caverna requer uma educação de fato, emancipadora, que incite o questionar ao invés de aceitar, que fomenta o interpretar ao invés do simples receber”.

O posicionando do professor em sala de aula para se ter uma educação geográfica deve ter uma comunicação, uma troca entre docente-discente, não deve ter um autoritarismo, onde o aluno escuta e obedece o que o professor ordena, sem questionar as informações repassadas. Segundo Galvão; Bezerril (2018, p. 111), o professor

não deve ser apenas um mero “transmissor” de conhecimento, mas também deve saber observar e aprender com as experiências vivenciadas pelos estudantes. Não adianta ensinar um conteúdo complexo, vangloriando-se de ter tal conhecimento, se ninguém acompanha o que se diz ou se o contexto de sua sala é limitado. Ele deve participar ativamente da construção social do aluno, possibilitando-lhe estar apto às contínuas mudanças do nosso dia a dia.

As práticas de ensino devem buscar a troca de saberes, onde o aluno evidencia os problemas enfrentados em sua vivência e o professor contextualiza essas informações. O

conhecimento prévio do alunado é importante para o docente se direcionar, mostrando análises críticas mais amplas. O docente que não leva em consideração o conhecimento prévio dos alunos comete um grave equívoco, pois a partir dessa indagação aos discentes poderão abarcar as problemáticas do lugar de cada um.

A mudança deve ocorrer a partir da formação da classe docente, o modo de se aplicar o currículo nos cursos de licenciaturas devem buscar debater quais práticas de ensino podem ter êxito em sala de aula. É nítido que nos cursos de formação de professores o currículo é sinônimo de “poder e, nesse sentido, muitas vezes, mantém-se no PPP um currículo prescritivo que atende aos interesses de um grupo ou de uma área e não às reais necessidades da formação de professores para as demandas da escola e da sociedade atual” (ASSIS, 2018, p. 28). Essa barreira deve ser desconstruída, pois muitos licenciados, ainda na universidade, não adquire o aprendizado de como utilizar os recursos didáticos já existentes e confeccionar novos para lhe auxiliar em sala de aula.

Mediante o fato exposto, podemos dizer que os cursos de licenciaturas devem passar por uma mudança em seu currículo, já que os futuros docentes necessitam entender que esse espaço globalizado requer uma educação diferente. A universidade deve formar o professor-pesquisador, que está em constante formação, pois a educação geográfica vivencia novas experiências com a disseminação de informações a partir dessa revolução tecnológica. Diante disso, “ensinar e aprender na denominada “sociedade da informação” requer conhecimento e domínio de linguagens, não apenas a verbal, mas de se considerar também a linguagem visual, que tem se tornado comum para os nossos alunos” (SILVA JÚNIOR, 2018, p. 87). Seguindo essas ideias, Castrogiovanni elenca “os dez mandamentos” que um professor de Geografia deve seguir:

- 1º Que sabe Geografia - teoria, metodologia e epistemologia - mesmo sabendo, acredita que ainda sabe pouco.
- 2º Atualiza-se constantemente, inclusive no que diz respeito às leis.
- 3º Ter criatividade e rever o que entende por criatividade.
- 4º Que sabe escolher e utilizar diferentes recursos, inclusive o livro didático.
- 5º Emprega sempre uma linguagem adequada sem esquecer a formalidade da sala de aula.
- 6º Que sabe exercer o seu papel enquanto autoridade em sala de aula - autoridade autoriza a autoria do fazer.
- 7º Que utiliza a dialógica na intertextualidade com que a vida se apresenta na escola - a experiência é transformada em conhecimento.
- 8º Sabe que o erro é o caminho para um acerto provisório.
- 9º Acredita que não há verdades absolutas. Existe a *provisoriedade do saber*.
- 10º Entende a avaliação como processo de crescimento e não como classificatório - reflete o que leva os alunos a serem aprovados e não à reprovação (CASTROGIOVANNI, 2011, p. 65-66).

De acordo com a ideia, o professor para passar aos seus alunos um educar geográfico é preciso seguir essas etapas em sua formação inicial na universidade e seguir com ela de maneira continuada, buscando sempre inovar suas práticas de ensino. Tendo em vista que o espaço em que nos encontramos requer essa formação continuada, pois os alunos vivem em uma era tecnológica, que por meio de suas ferramentas midiáticas repassam informações em uma constante, os discentes necessitam compreender essas informações partido do lugar onde vive até um campo global do problema. Segundo Cavalcanti (2017), a formação do professor deve ser um percurso que abarque articular os conhecimentos da ciência com demais tipos de conhecimentos, saberes e linguagens, além de, usar com criticidade e competência a tecnologia como um potencializador de suas práticas de ensino, favorecendo o conhecimento geográfico dos alunos. E, também,

articular mais e melhor os cursos com os problemas que tem maior relevância social. Nesse sentido, é importante buscar na formação, propiciar momentos e atividades em que esteja contemplada e executada a atuação política; a intervenção nos eventos e movimentos sociais, direta ou mesmo indiretamente; as atividades de extensão; desenvolvendo projetos de investigação, de extensão, propiciando debates, atividades de campo (CAVALCANTI, 2017, p. 104).

Diante disso, os futuros docentes obterão uma formação que faça jus a que sua demanda necessita para construção do pensar crítico do alunado. O professor deve partir dessa premissa e seguir se reconstruindo permanentemente, além do mais, “ensinar na contemporaneidade é oportunizar situações nas quais a criatividade dos alunos pode ser instigada, exercitada, abrindo portas para que se desconstrua, inove e poetize as páginas do currículo escolar” (CASTROGIOVANNI; BATISTA, 2018, p. 12).

O professor, como um pesquisador, tem por finalidade se alfabetizar geograficamente através das relações espaço-tempo hoje e ajustar o espaço-tempo de ontem. Mediante o cenário exposto, podemos dizer que, o professor tem dificuldades em pôr em prática essas novas didáticas, pois em sua formação acadêmica não obteve a prática de ensinar como ensinar, os componentes enfoca nos conteúdos científicos, a universidade não oferece a formação que um professor necessita, não é demonstrado como devem transpor os conteúdos da Geografia acadêmica para a Geografia escolar, enfim, o leque de impossibilidades é gigante. Contudo, possuímos professores que conseguem se tornar um pesquisador em processo continuado, que busca se renovar cotidianamente, que entrelaça o educar geograficamente em suas aulas. Porém, para que a educação geográfica possa ser posta em prática é necessário que a escola cumpra seu papel de formadora de cidadãos pensantes, pois

a escola deve buscar/construir caminhos facilitadores para a construção do conhecimento e a valorização do desconhecimento, portando a dúvida deve fazer parte da proposta pedagógica. A escola deve ser compreendida como o lugar de

valorização da interpretação e da compreensão das novas linguagens e manifestações, sem perder o rumo da busca sempre ancorado na razão (CASTROGIOVANNI, 2011, p. 62).

As escolas deve ter uma nova roupagem que englobe as necessidades dos alunos nesse mundo globalizado. O professor precisa dessa parceria com a escola para beneficiar a formação dos discentes. A escola não pode estar presa nos preceitos do passado, pois o “mundo mudou, porém, o mundo educacional parece manter-se incólume. As salas, os quadros-negros, independentes de seus tons, a disposição das classes e cadeiras permanecem intactos” (RAMOS, 2016, p. 74), propagando um ensino de baixa qualidade, já que os professores não conseguem pôr em prática novas didáticas sem recursos disponíveis. A escola pode sim conservar seus recursos, porém tem de se moldar e ser um espaço em que os alunos se identifiquem não um espaço onde alunos se sentem presos e desconfortáveis. Para se ter um bom aprendizado é preciso a troca de conhecimentos da relação professor-escola e professor-aluno, além de um ambiente escolar que propicie o bem-estar dos discentes favorecerá a educação geográfica mediada pelo professor em sala de aula.

A educação implica em pensar qual estrada devemos optar em construir. Este problema não é passível de solução pela aplicação de conhecimento livresco, técnico, acadêmico. A escolha dos conteúdos, do método, da forma de avaliação sempre é uma opção que passa pelo político, pelo filosófico, pois sempre é uma projeção do que consideramos uma “boa educação”, uma formação para a cidadania (KAERCHER, 2014, p. 23).

Podemos afirmar que a escola será esse espaço social, formando as principais opiniões e atitudes do alunado, de antemão, o professor não deve ser um mediador despolitizado, pois alunos necessitam de uma contextualização dos problemas políticos enfrentados pelo país que atinge seu cotidiano. Enfim, a escola deve disponibilizar esse espaço em que o professor esteja livre para pôr em prática uma didática emancipadora.

Para desenvolver novas metodologias que englobem um educar geográfico, é preciso planejamento por parte do professor, de planejar os caminhos futuros a percorrer em sala de aula ou qualquer outro espaço. Sabemos que o professor, para suprir sua carga horária, possui diversas turmas e, para cada turma, é necessário um planejamento diferente, pois nem todas as “receitas” publicadas em livros, artigos científicos e periódicos centrados na educação poderão ser usado em todas as turmas ou pode acontecer de não se “enquadrar” em nenhuma. Fantin; Tauscheck (2005, p. 102) revelam que o planejamento é essencial para aplicar novas didáticas, contudo, é preciso, antes de pôr em prática essa nova didática, “analisá-la, refletir sobre sua adequação à turma e à série, investigar todas as possibilidades que ela proporciona no que se refere aos objetivos de ensino a serem atingidos”.

O professor mediador deve estar sempre se reformulando nas problematizações atuais, para ter um posicionamento crítico, pois os alunos estão sempre atentos ao nosso discurso. Buscar novas práticas pedagógicas será uma espécie de

intervenção de modos de ser na instituição escolar. Ao entrar pela porta da sala de aula, não deixo o (que penso) que sou do lado de fora; ele me acompanha como um adesivo grudado na pele do lado de dentro. Suponho que não há como refletir sobre prática sem antes pensar em como se é, ou como se está sendo, nos sentimentos, nas emoções, nas relações, nos saberes, nos conhecimentos que nos perpassam cotidianamente (CHAIGAR, 2007, p. 78).

Uma educação geográfica é o caminho essencial para formação dos alunos e cidadãos pensantes. Contudo, o professor deve ter em sua formação acadêmica que priorize essa maneira de pensar e agir, ser um pesquisador contínuo. Com uma formação nesse viés possibilitará o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras para o âmbito escolar, relacionando os conteúdos contextualizados com o lugar de cada aluno. Tendo vista o fato supracitado, se faz necessário o professor

compreender o papel do espaço nas práticas sociais, e dessas práticas no espaço geográfico em si, dimensiona o objetivo da Geografia escolar, reiterando a relação sociedade-natureza, pondo em relevo as relações sociais mediatizadas pela relação de expropriação da natureza, bem como de problematização das questões sociais (GONÇALVES; NASCIMENTO JÚNIOR; KAERCHER, 2018, p. 143-144).

Segundo Freire (1996, p. 13) o educador democrático

não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis.

Um aluno que compreende, analisa, busca soluções para os problemas enfrentados em seu dia a dia é o que o professor em parceria com escola e universidade, unidas, devem buscar, formar professores para formar cidadãos críticos. O professor nunca deve esquecer que ensinar não é um mero transferir de conhecimento, mas criar caminhos que possibilite sua produção ou sua construção. Desse modo, o professor aprende com o discente e o discente aprende com o professor, possibilitando uma troca de conhecimentos, uma educação geográfica partido da realidade dos alunos até a nível global.

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DAS AULAS DE GEOGRAFIA DA ESCOLA ESTADUAL AGENOR CLEMENTE DOS SANTOS

Neste capítulo, daremos ênfase às discussões e resultados obtidos a partir da pesquisa de campo na escola. A pesquisa de campo teve o intuito de observar as práticas metodológicas do professor em sala de aula, sua interação com os discentes, a funcionalidade da escola, e também, como a educação geográfica está sendo trabalhada em sala de aula.

Diante disso, surgem alguns questionamentos que foram levantados, por exemplo, se o professor está conseguindo mediar uma aula que interligue o lugar do aluno com os conteúdos a serem contextualizados, se existe a troca de conhecimentos entre os discentes e o docente em prol do educar geográfico. Buscaremos responder essas perguntas e outras a partir da pesquisa em nível local, realizada na escola estadual Agenor Clemente dos Santos/ Alagoinha - PB.

3.1 Caracterização da Escola Estadual Agenor Clemente dos Santos/Alagoinha - PB

A escola está localizada no Conjunto Sebastião Valdo Pacífico, S/N, Centro - Alagoinha/PB. Possui 11 salas de aula, área de lazer, bebedouro, refeitório, sala dos professores, secretária, rampas, biblioteca, arquivo, ginásio, sala para atender os alunos, carteiras para canhotos, 8 banheiros para os alunos, 1 banheiro para os professores, laboratório de informática, laboratório de química e sala de vídeo. Na Figura 1, podemos analisar a fachada da escola evidenciando sua vasta extensão.

Figura 1: Fachada da escola estadual Agenor Clemente dos Santos



Fonte: José Francisco da Silva Júnior, 2018.

A escola também possui 952 alunos matriculados, sendo 132 alunos no ensino fundamental e 776 alunos no ensino médio. Por sua vez, tem 108 alunos concluintes no ensino médio, distribuídos em 46 alunos no turno manhã e 62 alunos no turno vespertino.

Em relação a estrutura física da escola, é considerável boa. A mesma possui as salas em boas condições, com boa ventilação e iluminação, principalmente a natural e possui um bom espaço de lazer. A seguir, veremos na Figura 2, as condições do bebedouro da escola, logo após, na Figura 3, iremos analisar a finalidade do refeitório da escola, possui um grande espaço para os alunos conversarem, lancharem, e também ter as reuniões com os pais. Na Figura 4, constatamos que a biblioteca da escola é riquíssima em obras da literatura, livros para pesquisa, mapas, e os alunos possuem contato frequente com esse ambiente. Na Figura 5, temos o ginásio da escola que serve para festividades, aulas de educação física, reuniões, aulas mais dinâmicas, entre outras finalidades.

Figura 2: Bebedouro



Figura 3: Refeitório



Fonte: José Francisco da Silva Júnior, 2018. Fonte: José Francisco da Silva Júnior, 2018.

Figura 4: Biblioteca

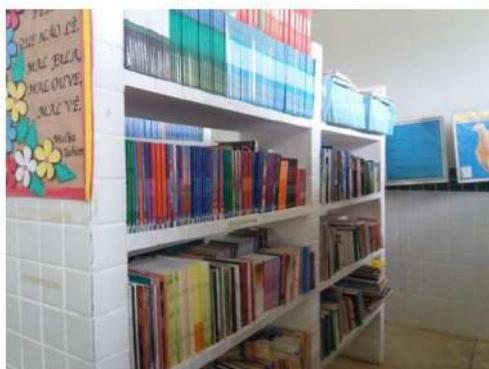


Figura 5: Ginásio



Fonte: José Francisco da Silva Júnior, 2018. Fonte: José Francisco da Silva Júnior, 2018.

A escola possui três turnos de atividades, sendo 5 horas para cada turno e 40 minutos por aula para cada disciplina, além do sexto horário no turno manhã e tarde. E também conta com a distribuição de lanches em cada turno.

3.2 Análise dos dados

As observações das aulas de Geografia das séries finais do ensino médio começaram no dia 10 de outubro de 2018, no turno da tarde. A primeira turma observada foi o 3º ano “D”, no quarto horário, onde podemos constatar que a turma é um pouco agitada, se não controlada faz muito barulho atrapalhando o desenvolver da aula, a maioria dos alunos estão na faixa etária correspondente para o terceiro ano, entre 16 a 18 anos.

A professora tinha programado a apresentação de seminários para o dia, mas os alunos responsáveis pela apresentação do dia não trouxeram nada. Devido esse fato, os seminários foram remarcados e foi aplicado um exercício do livro didático, que a docente o escreveu também no quadro. A atividade foi aplicada sem a contextualização do conteúdo, assim, os discentes responderam às perguntas usando o que o texto do livro didático relatava sobre o tema da atividade, ou seja, transcreveram o que tinha no livro. Sobre a relação do professor com o aluno percebemos que a docente não possuía autoridade e nem controle da turma, pois em diversos momentos da aula ela teve que pedir para os alunos fazerem silêncio e copiar a atividade. Muitos não quiseram executar a proposta da professora, pois alegaram que não trouxeram o livro didático.

A próxima aula observada da tarde foi no 3º ano “C”, no quinto e sexto horário. Também estava programada a apresentação de seminários na sala de vídeo para o uso de slides, porém o diretor da escola necessitou da sala para uma reunião. A professora optou por esperar acabar a reunião do diretor para se ter início às apresentações dos seminários, contudo, a reunião se prolongou impossibilitando a apresentação das atividades programadas para o dia. Os seminários foram remarcados para uma nova data. A maioria dos discentes dessa turma também estão na faixa etária correspondente para o ensino médio, entre 17 a 19 anos. Analisando o comportamento dos alunos dessa turma, podemos dizer que eles são calmos e conversam bastante, nessa turma a professora ainda possui o respeito da grande maioria, mas alguns não dão atenção para a professora e finge que a mesma não está presente na sala de aula. Sem as apresentações dos seminários, em uma conversa, a professora me relatou que faz uso do livro didático em quase todas suas aulas, pois afirma se a escola disponibiliza o livro didático deve ser usado. Porém, devemos constatar que o uso do livro didático é necessário, mas seus conteúdos devem ser contextualizados, algo que não foi notado na primeira aula observada.

O segundo dia de observação foi em 11 de outubro de 2018, pela manhã. A primeira turma foi o 3º ano “B”, no terceiro horário, onde a professora fez apenas a chamada e falou dos alunos que estavam com notas pendentes. A turma possui as mesmas características do 3º ano “D”: agitada, conversa bastante, estão na faixa etária correspondente e a professora não possuía o controle da classe. A todo momento se faz necessário pedir o silêncio, mas a maioria dos discentes ignoram o que a professora lhes pede. No quarto horário foi a vez do 3º ano “B”, ocorreu a mesma programação da aula anterior. A turma também se enquadra nas mesmas características dos 3º ano “D” e “A”, porém a maioria ainda respeita a autoridade da professora em sala. E nas duas turmas estava programado apresentações de seminários, mas nenhum dos grupos trouxeram o material.

Devido a semana de provas, retornei à escola para nossas observações e aplicação do questionário no dia 22 de outubro de 2018, nos turnos manhã e tarde. Nas quatro turmas foram repassadas às notas e médias de cada aluno, aplicado prova para os alunos que faltaram no dia da execução e recuperação para os que obtiveram nota inferior a 7,0. Enquanto a professora fazia a chamada foi aplicado com os alunos o questionário, com objetivo de analisar a importância da disciplina de Geografia na vida dos discentes e como o ensino de Geografia estava sendo adotado na sala de aula.

Analisando as informações obtidas nesses dias de observações e no período de estágio III nas turmas dos 3º ano “A” e “B”, entre 5 de março a 21 de maio de 2018, podemos dizer que a metodologia adotada pela professora em suas aulas segue desse modo: uso do livro didático para responder os questionários apresentado pela mesma em sala de aula, sem a problematização dos conteúdos. Assim, os conteúdos eram trabalhados de forma vaga e sem nexos com o lugar onde o aluno reside e as problemáticas que envolvem o mundo. Desse modo, os discentes possuem uma participação passiva nas aulas, já que a educação geográfica não foi trabalhada para instigar o pensar dos alunos, mas sim para transcrever conteúdos para o caderno já existentes no livro. Além de seminários para apresentação em cartazes ou slides.

Os questionários foram aplicados no dia 22 de outubro de 2018, com o objetivo de nos proporcionar uma análise precisa sobre as aulas de Geografia e os desafios enfrentados diante do cenário atual, a partir dele chegamos em diversas conclusões significativas para a pesquisa. Na primeira pergunta do questionário dos alunos foram questionados se gostam da disciplina Geografia, alguns disseram que detestavam a disciplina, outros que não gostavam muito e a maioria responderam que gostavam da disciplina, sendo até, uma de suas favoritas. Diante disso, podemos dizer que a maioria dos estudantes entrevistados gostam de Geografia, porém um ensino vago os fazem achar a disciplina chata e sem finalidade em sua vida.

Interligando a primeira pergunta com a segunda, questionamos aos discentes: para você, o que estuda a Geografia? Alguns não souberam responder e deixaram até em branco, alguns citaram especificidades que a Geografia estuda, como, por exemplo, os climas, os biomas, planaltos, relevo, a geopolítica, entre outras. Contudo, alguns estudantes trouxeram colocações objetivas em relação à pergunta, podemos ver algumas dessas respostas a seguir:

Estuda o espaço geográfico e as relações estabelecidas entre os seres humanos e a natureza (Aluno 1, 3º A, 2018).

Estudar a geografia é muito importante, só assim iremos saber um pouco sobre o lugar onde vivemos (Aluno 2, 3º C, 2018).

A Geografia estuda as características da superfície do planeta Terra, os fenômenos climáticos e ação do ser humano no meio ambiente (Aluno 2, 3º B, 2018).

Diante disso, podemos constatar que apesar de a maioria dos alunos não souberem responder o que a Geografia estuda, muitos ainda conseguem citar temas específicos que a disciplina aborda e uma minoria explanam ideias que se fundem com a objetividade do ensino de Geografia. Ficou nítido nas respostas apresentadas pelos discentes no questionário, pois conseguiram interligar a Geografia com a relação do homem com a natureza e esse fator impacta a vida dos seres humanos constantemente. Voltando para as perguntas, foi questionado aos alunos se consideram que a Geografia pode ter impactos em sua vida no dia a dia, se sim, pedimos para citar quais impactos. Alguns disseram que não sabiam, outros disseram que sim, mas não souberam dizer quais os impactos, a maioria disse que sim e explanaram ideias que condizem com o cenário atual que vivemos, como veremos a seguir:

Sim. Através da geopolítica estudamos diversos aspectos que nos auxiliam na compreensão do mundo contemporâneo (Aluno 4, 3º B, 2018).

Sim, inúmeras como uma análise geopolítica; em relação ao tempo, os impactos ambientais etc (Aluno 1, 3º A, 2018).

Sim. Principalmente a geopolítica a todo o assunto que ela aborda com atualidades (Aluno 6, 3º B, 2018).

Sim. No meio ambiente, no clima, relevo e nas ações do ser humano (Aluno 7, 3º D, 2018).

Analisando as respostas, podemos dizer que uma parte do alunado compreende que a Geografia está em tudo, sendo assim, traz impactos em nosso cotidiano. Percebemos também que, os alunos se referiram bastante a Geopolítica, uma das áreas específicas da Geografia, isso pode ter ocorrido pelo período eleitoral que estamos passando.

Para compreender se o professor costuma associar os conteúdos trabalhados em sala de aula levando em consideração o conhecimento prévio do aluno e o lugar onde eles residem, questionamos ambos. Aos discentes perguntamos se o professor faz essa relação com o lugar onde ele vive, a maioria relatou que nem sempre acontece, só veem essa relação com a proposta de seminários. Já o professor nos respondeu que costuma sim levar em consideração o conhecimento prévio do aluno, pois é preciso para eles entenderem o conteúdo de modo mais global. Contudo, nas observações notamos que raramente acontece esse interligamento.

Em outro questionamento, perguntamos aos alunos se o professor já trouxe aulas mais dinâmicas para sala de aula, quais e o que acharam. A grande maioria relatou que nunca trouxe, outros disseram que sim, por exemplo, os seminários e debates, outros foram mais radicais e disseram que não tem aulas de Geografia. Contudo, analisando todos os questionários e interligando com as observações das aulas, diagnosticamos duas realidades presente nas aulas e metodologias adotadas pelo professor nas falas a seguir:

Não, ela apenas repete o que o livro propõe e de forma constante para os alunos (Aluno 1, 3º A, 2018).

Sim, slides e debates que abordamos os assuntos, gostei bastante foi uma aula diferente (Aluno 8, 3º C, 2018).

Ponderando a proliferação das tecnologias em quase todos espaços do mundo questionamos o professor como prepara suas aulas diante dessa gama de informações constantes que permeiam nossas vidas, a partir das ferramentas midiáticas (Televisão, Rádio, Internet, entre outras). Relacionando a resposta do professor com outra pergunta do questionário, afirma que prepara suas aulas diferentes do começo de sua carreira como docente, pois com o uso das tecnologias é inevitável não usá-las, também relatou que busca informações para suas aulas na internet, alguns livros que possui, e nos livros didáticos. E utiliza as tecnologias em suas aulas na sala de vídeo, com a utilização do computador, retroprojeter e televisão.

Partindo dessa questão perguntamos aos estudantes se o professor já fez uso das tecnologias em suas aulas, quais são e como foram utilizados. A maioria respondeu que o docente faz uso das tecnologias em suas aulas na sala de vídeo, com a utilização dos computadores e datashow para apresentação de slides e assistir documentários. Desse modo, o professor está usando os recursos tecnológicos para dar um suporte em suas aulas, e é exatamente a função dessas ferramentas tecnológicas. Mais adiante pedimos para os estudantes descrevessem o tipo de aula de Geografia que lhe chame a atenção ou tipo de aula que gostem mais, as respostas mais citadas foi apresentações de seminários e aulas mais dinâmicas. Constatamos que os alunos sentem a necessidade de ir à prática, pois muitos afirmaram que é cansativo em todas as aulas apenas copiarem e responderem questionários. Vejamos agora algumas dessas respostas:

Aulas dinâmicas usando uso das tecnologias ou colocando em prática com assuntos do dia a dia e do nosso cotidiano (Aluno 9, 3º D, 2018).

Uma aula que tenha várias dinâmicas, para que nós possamos entender mais sobre o assunto de uma forma divertida (Aluno 10, 3º C, 2018).

Prática, onde o aluno entre em contato com o que estão estudando (Aluno 11, 3º C, 2018).

A aula que gosto é aquela que é idealizada no sentido de fazer com que os conteúdos tenham sentido para vida (Aluno 1, 3º A, 2018).

Dessa maneira, afirmamos que é necessário aulas que saiam da rotina, proporcionando uma nova forma de apreender os conteúdos e se divertir ao mesmo tempo. Às respostas dos alunos deixam evidentes que se sentem instigados a aula quando as aulas propõe a prática, a dinamização, a troca de conhecimentos entre os colegas e o professor, onde seja um agente participativo e não passivo.

Continuando o questionário com os estudantes, foi questionado como eles avaliam as aulas do professor de Geografia da sua turma, em sua maioria disseram que as aulas são boas, alguns disseram são ruins, outros afirmaram ser péssimo. Contudo, a maioria dos entrevistados afirmaram que a metodologia do professor é boa, mas necessita de novos implementos como tornar os discentes mais participativos em todas aulas, sem necessariamente ser aulas com o uso das tecnologias ou com dinâmicas. Mas que faça os discentes a pensarem e expor suas opiniões em sala. Voltando ao questionário do professor, se faz preciso informar que a professora entrevistada possui formação em Licenciatura Plena em Geografia, tem 64 anos, tem 24 anos de atuação como professora pelo Estado, porém começou a lecionar aos 16 anos no ensino fundamental I pelo município, totalizando 48 anos de atuação como professora. Atualmente, sua carga horária semanal de trabalho são de 21 aulas semanais, distribuídas no turnos manhã e tarde, nas turmas do 1º ano ao 3º ano do ensino médio.

Prosseguindo o questionário do professor, perguntamos se a professora estar em constante formação para trazer novas didáticas a serem aplicadas em sala de aula, a mesma afirmou que sim, pois ser professor é ser pesquisador e deve está em constante formação para possibilitar um aprendizado de qualidade para os discentes. Para podermos aplicar novas práticas metodológicas é preciso um aparato por parte da escola, levando isso em consideração questionamos se a escola oferece os recursos necessários para ser aplicada uma aula produtiva, a professora afirmou que sim e a escola onde atua possui uma gama de recursos, além da boa estrutura física. Contudo, constatamos nas observações das aulas que as práticas de ensino da professora segue apenas a aplicação de questionários sem a problematização dos conteúdos.

Diante do cenário atual, questionamos a professora, na sua opinião, quais as principais dificuldades que os professores enfrentam no seu dia a dia para conseguir educar do ponto de vista crítico? A professora respondeu que uma das dificuldades é a sobrecarga, pois ela leciona nos turnos manhã e tarde, por exemplo, na segunda-feira, a docente tem quatro aulas no turno da manhã e seis aulas no turno da tarde e a quantidade de alunos varia, chegando a turmas com mais de 40 alunos, ou seja, essa sobrecarga acaba dificultando a execução de

aulas mais didáticas e dinâmicas, principalmente, para a professora entrevistada que já tem 64 anos de idade. Ainda relatou que os alunos possuem muita falta de atenção devido ao uso do aparelho celular e o comportamento deixa a desejar, afetando o respeito entre os professores e os alunos.

Em seguida, questionamos a docente, na sua opinião, qual a importância do ensino de Geografia? E o que é preciso para educar geograficamente um aluno? Seguindo a ordem das perguntas a professora respondeu da seguinte forma:

Tem grande importância, pois eles convivem com a Geografia no dia a dia e é uma disciplina que abrange todas as outras (Professora 1, 2018).

É preciso mostrar para o aluno que a Geografia vai além de uma matéria decorativa e que precisamos para ter as noções básicas para o nosso dia a dia (Professora 1, 2018).

É notável que a docente compreende que a disciplina Geografia é essencial para formação cidadã dos estudantes, suas respostas demonstram sua preocupação em mostrar aos discentes que a Geografia faz parte da nossa vida, contudo, em sala de aula acaba adotando práticas metodológicas tradicionais que objetiva a decoração de informações. Esse quadro se dá pelo o cansaço da graduada, sua idade é um fator primordial para entendermos as suas aulas de Geografia, pois ficou claro nas observações o seu desgaste e a impaciência em ensinar. Em uma conversa com a professora, a mesma nos afirmou que por idade já era para estar aposentada, mas perderia seus direitos perante o tempo de trabalho para o Estado.

A docente ainda relatou que faz apenas 4 anos que leciona em sua área de formação, o restante de tempo de trabalho como professora foram no ensino fundamental I pelo município e estado. Seu primeiro contato com sua área de formação, a Geografia foi o ensino fundamental II, diante disso, afirmou que sente dificuldades em ensinar os conteúdos geográficos do ensino médio. Desse modo, afirmamos que a professora compreende que o ensino de Geografia deve ser repensado, os conteúdos devem ser contextualizados, mas o seu cansaço e o pouco tempo de atuação em sua área de formação a desestimula a buscar novas práticas metodológicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi evidenciado no decorrer desse texto com aparato de bases teóricas o mundo se transformou, está em uma era mais tecnológica onde as informações mudam constantemente e alcançam diversos públicos da nossa sociedade. O século XXI que vivenciamos trouxe a globalização que se propagou rapidamente na vida dos cidadãos, diante disso, a dinâmica do modelo capitalista atual nos instiga a ser o dito moderno, acompanhar as novidades tecnológicas e fazer uso delas.

A sociedade no cenário atual acompanha os avanços tecnológicos, já que o mesmo está presente em todos os lugares que frequentamos e toda lógica que não interligue as ferramentas midiáticas ao nosso cotidiano tenderá ao insucesso, pois usá-las é essencial para suprir nossas necessidades no dia a dia. A população jovem já nasce dentro desse meio e os demais devem se adaptar, a necessidade delas sempre vai estar presente.

Assim a educação será de suma importância para o entendimento dessa nova lógica mundial que afeta nossas vidas diariamente. Dentro desse viés é que a disciplina Geografia entrar, com o papel de explicar esse novo espaço aos discentes e formar cidadãos conscientes e ativamente críticos perante sociedade.

A educação geográfica aplicada em sala de aula no cenário atual não deve seguir o tradicionalismo, pois essa proposta de ensino não abarca o que a demanda necessita para entender o espaço presente. Desse modo, ela tem a finalidade de explicar como o mundo tecnológico trazem impactos positivos e negativos em nosso dia a dia, tudo se reformulou, por exemplo, novas paisagens surgiram e outras foram transformadas. E também tem a função de formar cidadãos emancipados e compreendam essas novas transformações no cenário político, econômico, territorial, enfim, entender quais são os seus deveres e direitos como cidadão.

Um educar geográfico também parte de usar todas ferramentas possíveis na construção do saber dos discentes, contextualizar os conteúdos partindo do lugar que o mesmo reside, instigar os alunos a se posicionarem em sala, ter opinião própria e crítica, formar um ser pensante. Desse modo, entendemos que o professor deve estar bem preparado diante desse novo cenário e aplicar metodologias que visem o educar geográfico e não o positivismo.

Com o objetivo de verificar como a educação geográfica está sendo aplicada em sala de aula nas séries finais do ensino médio direcionamos nossa pesquisa em uma análise da Escola Estadual Agenor Clemente dos Santos. Analisando as informações obtidas nas observações e aplicação de questionário constatamos que as aulas de Geografia ainda continuam sendo mediadas nos fundamentos tradicionais.

Acreditamos que para um ensino de qualidade seja exercido em sala de aula é necessário uma formação adequada da classe docente ofertada pelas universidades, a sua grade curricular deve estar centrada no objetivo em formar professores pesquisadores que busquem novas didáticas e que estejam em constante formação. Também é preciso todo aparato da escola e do Estado, oferecendo uma boa estrutura física e ferramentas necessárias para uma boa aula, não deixar professores com uma sobrecarga tão intensa, incentivar os professores a buscarem novos conhecimentos e oferecer programas que os auxiliem em sua formação de professor pesquisador, além de sua valorização como profissional da construção do saber.

O professor deve estar sempre atualizado, pois todos os dias surgem novas informações que impacta a sociedade positivamente e negativamente. Com ajuda das ferramentas midiáticas os estudantes estarão sempre informados de alguma problemática que esteja acontecendo, tanto em nível local como mundial. Diante disso, o docente deve estar preparado para debater essas temáticas em sala de aula para possibilitar a construção do conhecimento dos discentes e fazer os mesmos serem agentes ativos, que eles lancem as informações e o professor os contextualize.

Em suma, acreditamos e afirmamos que o educar tradicional não é mais viável a ser adotado pelos professores em suas práticas de ensino, pois o tradicionalismo só possibilita uma educação geográfica defasada e vaga. O cenário atual requer uma classe docente preparada em formar cidadãos pensantes que possam se posicionar diante da sociedade, que busque e lute pelos seus direitos, que cumpra seus deveres, que entendam o espaço onde está inserido, já que os lugares passam por transformações constantemente. Educar geograficamente é mediar a construção do saber crítico no alunado, contudo, para que o docente consiga adotar novas práticas metodológicas se faz necessário uma boa estrutura escolar, valorização profissional, e uma formação continuada, mas isso partirá do querer do professor e dos investimentos públicos nas escolas e universidades públicas, que é responsabilidade do Estado.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Patrícia Gomes de. **A importância da Geografia no cotidiano escolar**: um estudo de caso, o movimento pendular dos alunos do Centro Educacional Osmar de Aquino, Guarabira - PB. Monografia de Graduação em Geografia, Guarabira: UEPB, 2010. 49 f.
- ASSIS, Lenilton Francisco de. Estágio supervisionado de Geografia: impressões e estratégias de ensino-pesquisa. In: _____; SOARES JÚNIOR, Francisco Cláudio (Org.). **Ensino e pesquisa na educação geográfica**. Natal/RN: EDUFERN, 2018, p. 19-47.
- AZAMBUJA, Leonardo Dirceu de. O livro didático e o ensino de Geografia do Brasil. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 4, n. 8, jul./dez. 2014. p. 11-33.
- BRABANT, Jean-Michel. Crise da Geografia, crise da escola. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de et al (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?** 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 15-23.
- BUFFON, Elaiz Aparecida Mensch; ANDREIS, Adriana Maria. Metodologias para abordar informações da mídia impressa na perspectiva da educação geográfica. **Revista de Educação em Geografia**, Campinas, v. s. n. 10, jul./dez., 2015. p. 258-276.
- CACETE, Núria Hanglei. Reforma educacional em questão: os parâmetros curriculares nacionais para o ensino de Geografia e a formação de professores para a escola básica. In: ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de; FERREIRA, Joseane Abílio de Sousa (Org.). **Formação, pesquisa e práticas docentes**: reformas curriculares em questão. João Pessoa: Editora Mídia, 2013. p. 47-58.
- CALLAI, Helena Copetti. A Geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica. In: MORAIS, Eliana Marta Barbosa de; MORAES, Loçandra Borges de (Org.). **Formação de professores**: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia. Goiânia: NEPEG, 2010, p. 15-37.
- CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella. Educação geográfica: formação e didática. In: MORAIS, Eliana Marta Barbosa de; MORAES, Loçandra Borges de (Org.). **Formação de professores**: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia. Goiânia: NEPEG, 2010, p. 39-57.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: _____; REGO, Nelson; KAERCHER, Nestor André (Org.). **Geografia**: práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 35-47.
- _____. Espaço geográfico escola e os seus arredores - descobertas e aprendizagens. In: CALLAI, Helena Copetti (Org.). **Educação geográfica**: reflexão e prática. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. p. 61-74.
- _____; BATISTA, Bruno Nunes. Aproximação e emergência para uma postura emancipatória no ensino da Geografia - bem-vindos à incerteza. **Revista Ensino de Geografia (Recife)**. v. 1, n. 1, 2018. 17 p.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008.

_____. Os conteúdos geográficos no cotidiano da escola e a meta de formação de conceitos. In: ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de; FERREIRA, Joseane Abílio de Sousa (Org.). **Formação, pesquisa e práticas docentes: reformas curriculares em questão**. João Pessoa: Editora Mídia, 2013. p. 367-394.

_____. O trabalho do professor de Geografia e tensões entre demandas da formação e do cotidiano escolar. In: ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira Roque et al (Org.). **Conhecimentos da Geografia: percursos de formação docente e práticas na educação básica**. Belo Horizonte: IGC, 2017. p. 100-123.

_____. Bases teórico-metodológicas da Geografia: uma referência para a formação e a prática de ensino. In: ROSA, Dalva E. Gonçalves (Org.). **Formação de professores: concepções e práticas em Geografia**. Goiânia: E. V. 2006, p. 27-49.

CHAIGAR, Vânia Alves Martins. Nossas práticas, nossos desafios: um olhar por dentro de si. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André (Org.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 77-85.

CORRÊA, Roberto Lobato. A trajetória da geografia brasileira: uma breve interpretação. **Terra Livre**. São Paulo, ano 26, v. 1, n. 34, jan./jun. 2010. p. 63-68.

DEON, Alana Rigo; CALLAI, Helena Copetti. A educação escolar e a Geografia como possibilidades de formação para a cidadania. **Contexto e Educação**. Editora Unijuí, Ano 33, nº 104, jan./abr. de 2018. 264-290 p.

EVANGELISTA, Mayara Cinthya Costa. Concepções de professores sobre os livros didáticos de Geografia. In: ASSIS, Lenilton Francisco de; SOARES JÚNIOR, Francisco Cláudio (Org.). **Ensino e pesquisa na educação geográfica**. Natal: EDUFRRN, 2018, p. 313-342.

FANTIN, Maria Eneida; TAUSCHECK, Neuza Maria. **Metodologia do ensino de Geografia**. Curitiba: Ibpex, 2005.

FERRACINI, Rosemberg; HOLLMAN, Veronica. Apresentação do dossiê: ora compêndios, ora livros escolares, ora livros didáticos... sempre necessários na Geografia escolar. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 4, n. 8, jul./dez. 2014. p. 03-10.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Iapony Rodrigues; BEZERRIL, Lélia de Oliveira. Por um ensino: a utilização de técnicas lúdicas audiovisuais na educação básica. In: ASSIS, Lenilton Francisco de; SOARES JÚNIOR, Francisco Cláudio (Org.). **Ensino e pesquisa na educação geográfica**. Natal/RN: EDUFRRN, 2018, p. 107-123.

GONÇALVES, Francisco Ednardo; NASCIMENTO JÚNIOR, Francisco de Assis do; KAERCHER, Nestor André. Aprendizagem escolar e construção do conhecimento geográfico: reflexões teóricas e conceituais. In: ASSIS, Lenilton Francisco de; SOARES JÚNIOR, Francisco Cláudio (Org.). **Ensino e pesquisa na educação geográfica**. Natal/RN: EDUFRRN, 2018, p. 125-158.

HAHN, Jussie Bittencourt; KAERCHER, Nestor André. Os arredores da escola: lugarizando a aprendizagem, vivenciando a geografia por meio de maquetes e cordel. In:

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al (Org.). **Movimentos para ensinar Geografia: oscilações**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016. p. 255-277.

KAERCHER, Nestor André. A Geografia serve para entender a água, o sangue, o petróleo... serve para entender o mundo, e, sobretudo, a nós mesmos! In: FARIAS, Paulo Sérgio Cunha; OLIVEIRA, Marlene Macário de (Org.). **A formação docente em geografia: teorias e práticas**. Campina Grande: EDUFPG, 2014. p. 17-49.

_____; MENEZES, Victória Sabbado. A construção da identidade docente do estagiário de Geografia: uma prática existencial consigo e com o aluno. **Revista Espacior Sociedad**. Ano 1, n. 1, 2017. 41-52 p.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008.

KUNZ, Sidelmar Alves da Silva; CASTIONI, Remi. Espaço geográfico e interdisciplinaridade: natureza do conhecimento geográfico no saber escolar. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**. Campinas, v. 6, n. 12, jul./dez. 2016. p. 53-73.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 20. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Situação e tendências da Geografia. In: _____ et al (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?** 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 24-29.

PILLATT, Fábio Roberto; SANTIAGO, Anna Rosa Fontella; CALLAI, Helena Copetti. O currículo e as correntes: da ficção à realidade. **Educação em foco**, Juiz de Fora, v. 22, n. 2, jan./abr. 2017. p. 02-19.

PINHEIRO, Antonio Carlos. Dilemas da formação do professor de Geografia no ensino superior. In: ROSA, Dalva E. Gonçalves (Org.). **Formação de professores: concepções e práticas em Geografia**. Goiânia: E. V. 2006, p. 91-108.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Políticas públicas na trajetória do ensino e da formação dos professores: a construção de conhecimentos. In: ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de; FERREIRA, Joseane Abílio de Sousa (Org.). **Formação, pesquisa e práticas docentes: reformas curriculares em questão**. João Pessoa: Editora Mídia, 2013. p. 433-453.

_____; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

RAMOS, Roberto José. A educação e o conhecimento. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al (Org.). **Movimentos para ensinar Geografia: oscilações**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016. p. 73-83.

ROSA, Dalva E. Gonçalves (Org.). Formação de professores: concepções e práticas. **Formação de professores: concepções e práticas em Geografia**. Goiânia: E. V. 2006, p. 15-25.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SENE, José Eustáquio de. O livro didático como produto da Geografia escolar: obra menor? **Revista Brasileira da Educação em Geografia**, Campinas, v. 4, n. 7, jan./jun. 2014. p. 27-43.

SILVA JÚNIOR, Otoniel Fernandes da Silva. Comunicação e tecnologia para educação geográfica: a experiência de produção de infográficos no ensino de Geografia na educação básica. In: ASSIS, Lenilton Francisco de; SOARES JÚNIOR, Francisco Cláudio (Org.). **Ensino e pesquisa na educação geográfica**. Natal/RN: EDUFRN, 2018, p. 87-105.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **Aula de Geografia e algumas crônicas**. 2. ed. Campina Grande: Bagagem, 2008.

SOUZA, Vanilton Camilo de; ZANATTA, Beatriz Aparecida. Concepções de prática de ensino e formação de professores de. In: ROSA, Dalva E. Gonçalves (Org.). **Formação de professores: concepções e práticas em Geografia**. Goiânia: E. V. 2006, p. 67-89.

SUESS, Rodrigo Capelle; LEITE, Cristina Maria Costa. Estudar o lugar para compreender a si mesmo e o mundo: análise de uma experiências pedagógica em Geografia desenvolvida com alunos do 6º ano do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 6, n. 12, jul./dez. de 2016. 74-98 p.

TONINI, Ivaine Maria; CARDOSO, Juliana Carvalho. Os meios de comunicação, tecnologias digitais e práticas escolares de Geografia. **Revista FSA**. Teresina, v. 11, n. 2, abr./jun. 2014. p. 186-210.

VESENTINI, José William. Educação e ensino da Geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **A Geografia na sala de aula**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

APÊNDICE



**CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO
CAMPUS III – GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA
ENTREVISTADOR: José Francisco da Silva Júnior, Graduando de Geografia**

Objetivo deste questionário: Colher informações sobre a formação do/a professor(a) de Geografia, suas práticas metodológicas em sala de aula e como a educação geográfica está sendo exercida em sala de aula com os discentes. O referido questionário servirá como fonte de pesquisa para elaboração de um capítulo do trabalho de conclusão de curso a ser apresentado na Universidade Estadual da Paraíba - Campus III.

QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR

Sexo: Idade: Data:

Escola em que trabalha:

Formação:

Tempo de atuação como professor de Geografia:

1- Qual sua carga horária semanal de trabalho (número horas/ aulas por semana)?

2- Você costuma usar recursos tecnológicos em suas aulas? Se sim, quais?

3- Antes de iniciar um conteúdo em de sala, você costuma levar em consideração o conhecimento prévio do aluno e o lugar onde mesmo reside?

4- Como você prepara suas aulas diante da grande massa de circulação de informações diárias pelas ferramentas midiáticas (Televisão, Rádio, Internet, entre outras)?

5- Você se considera um professor (a) que visa sempre estar em constante formação e trazer novas didáticas para serem aplicadas em sala de aula?

6- Comparando o começo de sua carreira com o cenário atual, como você avalia sua metodologia em sala de aula? Continua a mesma?

7- Analisando a escola, você considera que a mesma oferece recursos que facilite a aplicação de novas práticas metodológicas em sala de aula?

8- Em sua opinião, quais as principais dificuldades que o professor enfrenta no seu dia a dia para conseguir educar do ponto de vista crítico e emancipador?

9- Na sua opinião, qual a importância do ensino de Geografia para os alunos?

10- Na sua opinião, o que é preciso para educar geograficamente um aluno?

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

Sexo: Idade: Data:

1. Você gosta da disciplina Geografia?

2. Para você, o que estuda a Geografia?

3. Você considera que a Geografia pode ter impactos em sua vida no dia a dia? Se sim, quais?

4. O professor costuma associar os conteúdos trabalhados em sala de aula a partir do lugar onde você vive?

5. O professor já trouxe aulas mais dinâmicas para sala de aula? Quais? O que achou?

6. O professor já fez uso das tecnologias em suas aulas? Quais? Como?

7. Descreva que tipo de aula de Geografia lhe chame a atenção ou o tipo de aula que você gosta mais?

8. Como você avalia as aulas do professor (a) de Geografia da sua sala de aula?
